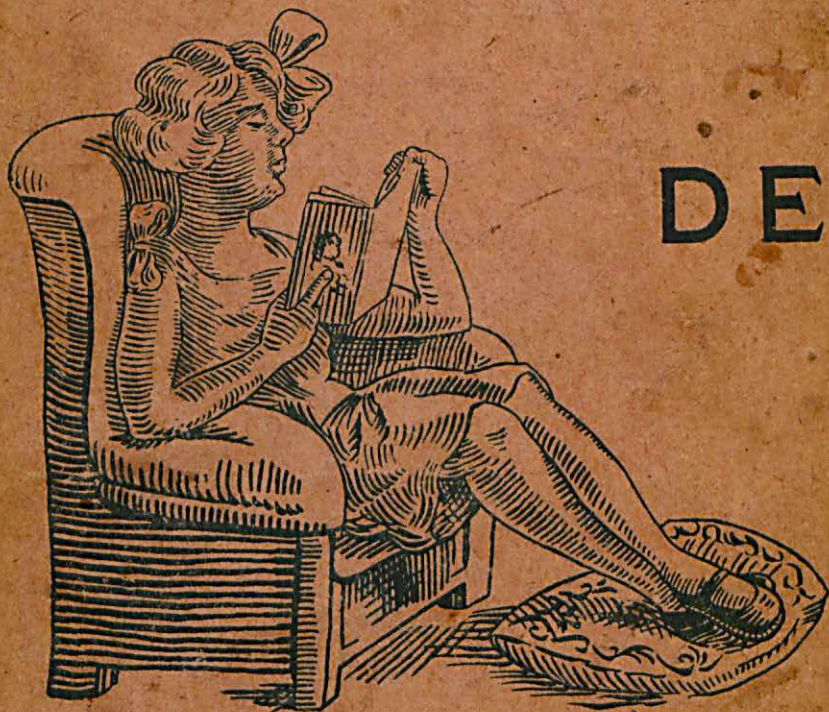


ROSA CASTRO

Professora normalista laureada pela Escola Normal  
do Estado do Maranhão e directora da  
Escola Normal Primária

LIVRO



DE

A

0027101/2003



L0000027104

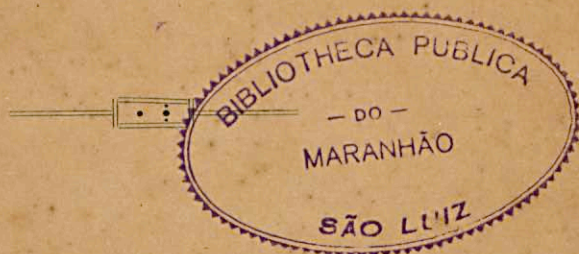
MARANHÃO

ROSA CASTRO

Professora normalista laureada pela Escola Normal  
do Estado do Maranhão e directora da  
Escola Normal Primária

ORMA  
469.84  
23552  
LIV

# LIVRO DE LUCIA

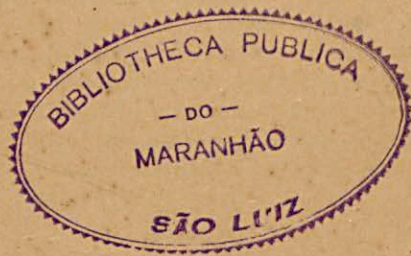


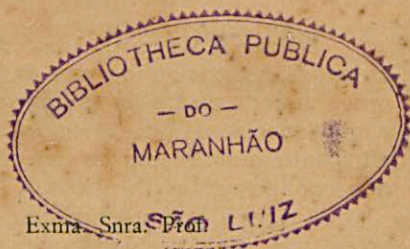
5.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1933  
TIPOGRAVURA TEIXEIRA  
MARANHÃO

Aos meus idolatrados  
Velhinhos

Aos mui queridos sobrinhos Inalio, Ruth,  
Abilio, Othon, Mario, Maria Lucia,  
Cléa, José Orlando, Teresinha,  
Maria do Perpetuo Socorro e Zaïde





D. ROSA CASTRO

Cordialísimas saudações

Agradeço-vos a oferta de um exemplar do «Livro de Lucia», que acabais de publicar.

Leio sempre com muito interesse os livros didaticos feitos por professoras, porque, em geral, são excellentes; e agora o fiz de modo particular a respeito do «Livro de Lucia», pelo muito em que tenho a sua autora, muito que é, todavia, um infinitésimo do elevado conceito de que ella se fez merecedora.

No meu desautorizado entender, está bom o vosso trabalho e veiu á luz num momento oportuno; pois as classes que, pela actual organização das nossas escolas primarias se diriam superiores, precisam de leituras como as que lhes ofereceis e lhes convém, não só pela boa escolha dos temas, como pelo estilo que quizestes observar na vossa linguagem, que eu desejaria ver imitada tanto quanto possível, por aquéllas aludidas classes nos seus exerciciosinhos de redação.

E agora relevareis que vos roube mais uns minutos para justificar eu o dizer acima—momento oportuno.

\* \* \*

Sabeis, e melhor que eu, o que os metodologistas têm preceituado sobre o ensino da leitura e, por isso, eu me tornaria fastidioso si estivesse a reproduzir conceitos, embora acertados, mas encontrados nos compendios que tratam de Metodologia e bem os conhecês a todos. Peço venia para citar apenas alguns pequenos trechos e eis o primeiro :

Emerson E. White, «A Arte de Ensinar», pag. 211.—Os livros a usar-se no ensino da arte da leitura, especialmente nos graus superiores, deviam dirigir-se antes ao coração do que á intelligencia, deviam ser modelos de bõa prosa e da poesia edificante, nunca livros de sciencias destinados a ministrarem conhecimentos theoreticos.

A poesia, comprehendendo nessa denominação a bõa prosa, toca mais profundamente ás fontes da vida mental e espirital, e offerece o melhor meio de se cultivar a expressão falada.

Desde a escola primaria o alumno deve estar sob a influencia da bõa litteratura, dessa que fala ao sentimento e visa levantar a moralidade a uma altura digna do progresso.

Em outro lugar, na citada pagina:

A leitura de um trecho de bõa litteratura devia ser clara e proveitosa.

Não ha negar a justeza dos conceitos acima, e os livros de leitura, especialmente do quarto livro em diante, procuram dar a conhecer ás classes muitos trechos da bõa litteratura.

Mas o mesmo autor, á pag. 210 :

Os exercicios de leitura, especialmente nos graus superiores, deviam ter este duplo objecto: (1) a comprehensão clara e a apreciação do sentido do que tem de ser lido; e (2) a expressão oral com toda a naturalidade do que é assim comprehendido e apreciado.

O ensino de leitura deve ser levado intelligentemente á realização desses fins, Os seus objectos são tão definidos como os de uma demonstração geometrica.

E conclue assim: .....  
mas tudo que obscurece estes fins ou dissipa esforço, devia se excluir como prejudicial á leitura.

A' pag. 41 :

E' um axioma da instrução que o ensino deve adaptar-se á capacidade do alumno.

Sarah Louise Arnold—«Guias para Maestros»—pag. 137:

Uma vez escolhidos os melhores livros de leitura, os primeiros passos do menino na leitura se hão de dirigir pelo bom caminho, e, depois, pouco a pouco, fal-o-ão penetrar no

delicioso campo da litteratura classica, tanto antiga como moderna.

A arte de ler depende da nossa habilidade em comprehendender e recordar, em sentir e imaginar.

Pag. 132:

Estamos lendo somente quando estamos assimilando os pensamentos da pagina escripta ou impressa.

I Carré et Roger Liquier—Pedagogia Escolar—pag. 301 (não se referindo, embora, somente ás classes primarias superiores), lembra, a proposito dos livros de leitura, que se deve meter nas mãos das creanças um livro escripto com simplicidade e que de obscuridade tenha o menos possivel; porque, do contrario, ou o mestre deixará de ministrar os esclarecimentos necessarios, ou passará a maior parte do tempo em commentarios, perdendo assim de fazer a leitura propriamente dita.

\* \* \*

Do que fica expendido se haverá de concluir, ao menos com relação ao nosso meio escolar, que os livros de leitura para as classes superiores devem conter trechos de boa litteratura;

mas que, para ser a leitura clara e proveitosa, devem ser adaptados á capacidade mental dos alunos.

Convindo que se faça sempre o exercicio de leitura, decorre, naturalmente, que, no caso dos alunos das classes superiores não poderem assimilar ainda o quarto livro e com maioria de razão, outro mais elevado da serie, se deverá preferir outro, compativel com o desenvolvimento mental delles.

\* \* \*

Tendo observado algumas quintas classes das nossas escolas, achei que ellas, em geral, não tirariam o proveito desejado do quarto e muito menos ainda dos outros mais elevados. Procurava dar-lhes outros, e, com satisfação minha, viestes em meu auxilio com o vosso «Livro de Lucia», que, alem dos outros predicados, tem o de ser genuinamente maranhense.

Elle deixa transparecer que foi elaborado por quem está a par

das necessidades particulares das classes das nossas escolas e, por isso, é de esperar que a quinta classe atual faça com o mesmo livro o exercicio de leitura, propriamente dito, sem embaraços e com o proveito desejado.

Que assim aconteça. E tereis então a prova evidente da eficiencia do vosso trabalho e a recompensa satisfatoria do vosso esforço.

Aceitai, por mais um relevante serviço prestado á causa da instrução primaria da nossa Terra, os meus parabens.

Vosso muito grato

JOAQUIM SANTOS

28 7-1925



Inspirando-nos um desejo muito sincero de algum serviço prestar á instrucção de nossa terra, resolvemos publicar este modesto volume, que, si nem um valor encerra, demonstra, entretanto, o grande amor que sempre nos mereceram as creanças.

A ellas dedicamos, pois, o «Livro de Lucia», esperando que, com a sua leitura, que procurámos variar o mais possivel, adquiram algumas noções mais com que enriqueçam o seu cabedal de conhecimentos uteis á vida.

Com immenso carinho o fizemos, e, para preencher o fim principal com que o elaborámos, procurámos dar-lhe uma feição quãse toda local.

São em geral desconhecidas as nossas riquezas, os nossos productos naturaes, assim como quasi ninguem conhece os nossos grandes homens nem os feitos que os illustraram.

E' preciso que se fale de tudo isso ás creanças, que se lhes inspire o amor ás tradições como aos nobres gestos. E é por meio da leitura, e esta attra-

hente e expressiva, que mais facilmente se conseguirá inculcar no espirito dos jovens educandos essas noções indispensaveis ao seu desenvolvimento intellectual.

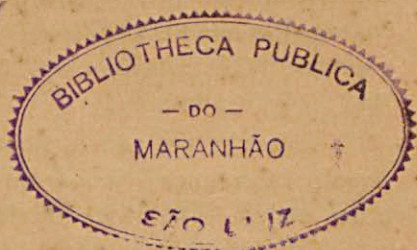
Graduámos quanto possivel as lições, procurando mesmo organizá-las de tal modo que não fosse necessario subdividir os capitulos para cada lição. Alguns houve, entretanto, em que foi difficil a seriação, como certamente o comprehenderá o professor consciencioso e que deste nosso trabalho se queira utilizar.

Em todas as disciplinas a ensinar, é da habilidade do mestre, cujo auxilio é indispensavel, si não obrigatorio e decisivo, que depende o bom exito da aprendizagem, e, si elle, com a dedicação e bôa vontade que são de esperar para que a instrucção se torne em breves dias em nossa terra uma completa realidade, quizer tirar dos conceitos nestas paginas expendidos, algum proveito e applicação, nutrimos a esperança de constatar que não foi inutil o nosso esforço, fruto de longa e paciente meditação.

A linguagem, propositadamente a escolhemos bem simples, isto é, inteiramente despida de floreios e atavios, que as lições, para que aproveitem aos espiritos ainda em rebento, devem de levar apenas o que de util nellas se contenham. Ha, entretanto, em varios periodos muitos termos e mesmo conceitos e phrases que precisam de ser convenientemente explicados.

Que nos perdôem os illustrados collegas esta despretençiosa apresentação, como as falhas que certamente encontrarão na leitura do nosso livrinho.

A AUTORA



## UM NOVO LIVRO

Já está nos prelos da conceituada typographura Teixeira um novo livro didatico, destinado á educação primaria das nossas escolas, da auctoria da provectora e competente professora normalista d. Rosa Castro, que com rara proficiencia e judicioso criterio, dirige o conhecido instituto Escola Normal Primaria.

Tivemos o prazer de apreciar, esparsamente, alguns capitulos de que se constitue essa pequena mas importante obra, que se recommenda, não só pela clareza e simplicidade do estylo, predicados necessarios a todo livro que se destina á leitura infantil, como tambem pelos assumptos abordados e que são desenvolvidos de uma maneira intuitiva e interessante, que attrae e prende a attenção do leitor, contribuindo, assim, para que a obra se torne, sob todos os pontos de vista, propria ao fim a que se destina. Destacamos, como senão os melhores, pelo menos os mais lindos capitulos, os seguintes: «A reabertura das aulas», «Uma sala de aula», «As duas ami-

gas», «A formatura das classes», Uma lição de Historia do Brasil», «Uma boa lição», «O recreio», «Plantas do globo», «Um gato», «A polidez», «A festa da arvore», «Os insectos», «O bicho da sêda», «A abelha», «O Trabalho».

Como se vê, não se poderia reunir melhor, num livro para creanças, tudo o que a estas pode interessar e ser util, e não resta duvida de que nesse ponto a obra da intelligente educadora ha-de ter satisfactorio exito, tanto mais que ella vem preencher uma grande lacuna da nossa instrucção primaria, para a qual é tão difficil encontrar livros, cujo estylo seja leve e comprehensivo e que attraiam e eduquem, ao mesmo tempo a infancia.

Do «Diario Official», de 3 de Janeiro de 1924.

## UM LIVRO DIDACTICO

A digna professora d. Rosa Castro tem no prelo uma obra didactica para as classes primarias, á qual deu o titulo—«Livro de Lucia».

A convite da conhecida educadora, assistimos á leitura de alguns capitulos do livro, feito de maneira original e capaz de preencher com vantagens o fim a que se destina. O volume que terá pouco mais de cem paginas, é escripto em forma de cartas, onde uma alumna, Lucia, vem contar o que se passou nas aulas durante o anno lectivo.

As narrativas são todas interessantes e com observações de certa vivacidade.

Maranhense, escrevendo para as creanças do Maranhão, d. Rosa Castro teve na confecção do seu livro uma louvavel preocupação regional. A historia das coisas e vultos do nosso estado é cuidada em vários capitulos de forma a levar ao cérebro das creanças o conhecimento da sua terra e ao seu coração o amor pelas nossas tradições.

Com a publicação de tal livro, mais um grande serviço presta á educação a sua autora.

Da «Pacotilha», de 4 de Janeiro.

## "O LIVRO DE LUCIA"

A distincta e talentosa professora normalista D. Rosa Castro, propecta directora da Escola Normal Primaria, teve a gentileza de convidar-nos para ouvir a leitura de algumas paginas do livro escolar que vae publicar, e cujo nome serve de cabeçalho a estas linhas.

Trata-se de um livro de leitura para as classes adiantadas.

A autora imagina uma menina de nome Lucia, contando factos da sua vida escolar, fazendo observações sobre o que vai passando pelos seus dias de aprendizagem.

As paginas que ouvimos são incontestavelmente boas, e é de esperar que todo o livro seja como essas paginas.

D. Rosa Castro, que é excellente preceptora da mocidade, escreveu seu trabalho em linguagem sim-

ples, desataviada, ao alcance das intelligencias juvenis que o vão adquirir. E', sem duvida, uma iniciativa plausivel.

Precisamos fallar do Maranhão aos maranhenses, de lhes dizer quaes foram seus homens notaveis, seus feitos nobilitantes. Fallar sempre e sempre do Maranhão, como fazem os paulistas, por exemplo, que falam frequentemente de S. Paulo. E' preciso que os maranhenses desde a infancia se acostumem a amar os nossos homens e as nossas coisas, e um dos meios mais faceis para a consecução desse elevado objectivo, é implantar, pelo livro, nas escolas esse sentimento grandioso, que é, sem duvida, um dos fortes esteios da sociedade, um dos poderosos motores do progresso.

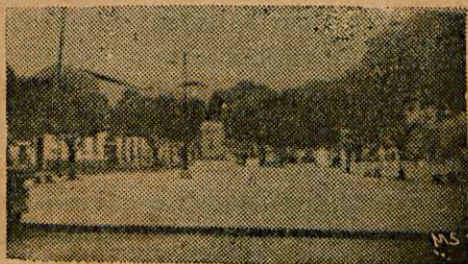
Agradecemos a d. Rosa Castro a gentileza com que nos distinguiu, e de já lhe damos os parabens pelo seu trabalho que vem mais uma vez affirmar o alto conceito em que a temos.

Do «Diario de S. Luiz», de 2 de Janeiro.

I

## A REABERTURA DAS AULAS

Na ampla e alegre praça, lindamente arborizada, nota-se um movimento desusado: meninos e meninas, muito limpos, trajando as suas melhores roupas, caminham satisfeitos, tomando cada grupo um rumo diferente.



PRAÇA «JOÃO LISBOA», vendo-se ao centro a estatua do grande maranhense

Anima-os o mesmo entusiasmo, a mesma alegria franca e expansiva dos que, no despontar da vida, apenas pensam em folguedos e prazeres.

Depois de dois meses de separação, reencontram-se finalmente os amigos de ontem, os companheiros dos bancos escolares, e juntos lá se vão a caminho da escola num vozear de jubilo incontido.

E' o dia da reabertura das aulas !

Dia festivo e feliz para os que querem, pelo estudo, ser uteis á familia e á Patria, engrandecendo-se a si mesmos.

Pelas ferias que foram longas e divertidas, quasi todas as crianças foram com seus paes e irmãozinhos tonificar o espirito e robustecer o corpo fóra da cidade, umas nos campos, onde o ar é mais sadio e o céu sempre puro, outras nos sitios cercados de arvores que purificam o ambiente, outras, finalmente, nas praias lindas e vastas, onde o clima é sempre ameno e cujo panorama constantemente novo e variado é um encanto para os nossos olhos.

Todos, porém, no meio desse bulício de vida e de alegria desejavam que as aulas logo recommencessem, para que de novo se vissem entre os mestres e os colleguinhas, sobraçando os seus livros, os seus cadernos, as suas carteirinhas. Esse dia, emfim, chegou, e até os mais vadios, os que vão á escola só porque os obrigam os seus paes, aquelles que não sabem que em estudar consiste o maior bem da vida, até esses por ali vão alegres e communicativos para tornar a ver a escola, tão querida, sempre arejada e clara.



## II

E' o primeiro dia de aula !

A escola que é um edificio de amplas accomodações, todas com muita luz e em bôas condições de arejamento, está situada quasi ao desembocar de uma praça, das mais frequentadas da cidade, e cuja arborização de figueiras altas, de copa espessa e arredondada, produz agradável sombra.

E' o maior encanto da criançada, ao vir para a escola ou á hora da sahida, passear ao longo dessas avenidas rodeadas de canteiros.

E' como o baptismo do espirito pela frescura da folhagem, para receber melhor a luz da instrucção.

Todas as salas destinadas ás aulas, com as suas carteiras polidas de novo, os seus quadros e os seus mappas, nos cavallêtes ou pendurados nas paredes, apresentam esse aspecto festivo e animador das cousas mui queridas revistas depois de alguma ausencia.

Nota com prazer a professora que todos os alumnos do anno anterior, isto é, os que ainda não con-

cluíram os cursos, novamente ahí se encontram para continuar os seus estudos.

Dos que se diplomaram, alguns vieram tambem, não só para trabalhar agora como professores, auxiliares dos mestres, como para manifestar aos mesmos o seu affecto e a sua gratidão pelo premio que obtiveram.

E' esse um nobre exemplo, aos que ainda principiam e uma satisfação para o mestre.

Vêem-se ainda muitas caras novas em todas as classes: são os novos matriculados, e as professoras são incansaveis em accomodar a todos, fornecendo-lhes as notas do que lhes será preciso para iniciar os seus cursos; si este, pequenino ainda, tão pequenino que veio para o «Jardim da Infancia», chora porque não quer deixar a sua mamã, é bem de vê-la, a mestra carinhosa, a consolá-lo, dando-lhe brinquedos, prometendo-lhe confeitos, ou animando-o com palavras de ternura.

Sempre amiguinhas, lá se vêem sentadas no mesmo banco Ruth e Amelia, duas das melhores alumnas do collegio, não só pela applicação aos estudos como pelo comportamento exemplarissimo.

### III

## AS DUAS AMIGAS

A escola era diariamente frequentada por centenas de alumnos, e meninos e meninas, confraternizados, faziam daquelle recinto que era o seu segundo lar, uma assembléa animada, cujos membros trabalhavam sempre para o bem commum. Uma atmosphera de paz e de doçura ahi se respirava, e o espirito se sentia bem no seu supremo goso.

Quasi todos eram amigos, e si um dia uma palavra mais aspera, um dito de mau humor, vinha provocar uma desavença, esta logo se dissipava com as palavras de arrependimento que aos labios do culpado vinham logo.

Entre todos, porém, se distinguiam Ruth e Amelia, não só pela harmonia dos gostos e accordo nas acções que eram sempre louvaveis, como pelo empenho que manifestavam de não se afastar nunca do caminho do dever.

Nem sempre fôra assim, entretanto.

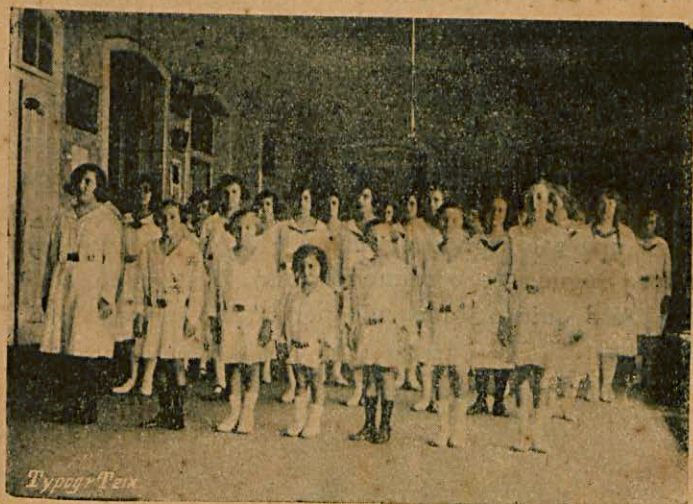
Amelia, logo que entrára para a escola, era indocil e irascivel e, si bem que não descursasse os seus estudos, nelles não sobressahia muito, pela falta de lha-neza e bôas maneiras que devem ser o distinctivo das pessôas educadas.

Possuia Ruth essas qualidades optimas, além de ser docil e meiga. Captivára por isso mesmo a sua collega Amelia que muito a estimava, e, como sabia perfeitamente que só os ingratos desprezam os que os amam, não quis deixar de corresponder áquelle affecto.

A ingratidão macula a alma, dizia ella sempre.

O maior cuidado deve presidir á escolha das amizades, pois, assim como um bom amigo, criterioso e sensato, transmite aos outros as suas virtudes, um máu amigo, contaminado de vicios, é um perigo de que nos devemos afastar.





#### IV

### A FORMATURA DAS CLASSES

Formados todos os alumnos no salão de recreio, comprido e largo, sentou-se uma das mestras ao piano e tocou a introdução de um hymno escolar vibrante e entusiastico.

Ao signal de entrada, todos os alumnos, de pé e muito firmes, espalham no vasto recinto escolar a sua voz fresca, sonóra e clara.

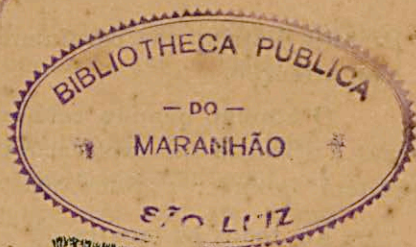
Explica então a professora :

—O canto não é só um prazer para os ouvidos, é tambem um auxiliar da instrucção e um tonico para os pulmões. E' instructivo, porque, nos versos dos bellos hymnos e canções patrioticas, aprendemos a glorificar os grandes vultos e a cultuar os nobres feitos. Por meio do canto, principalmente antes das aulas fortalecemos os pulmões e desenvolvemos o thorax.

Termina o canto, e, ao som de uma alegre marcha, tomam os alumnos a direcção das classes. Ao primeiro toque da sinêta, desfila o Jardim da Infancia ou curso preliminar, aquelle bando minusculo de crianças que vae logo enchendo a casa de rumor e garulice. Seguem-se o primeiro anno, o segundo, e assim até o quinto, formando por ultimo o curso complementar.

Vão ter inicio as aulas.





V

## UMA LIÇÃO DE HISTORIA DO BRASIL

Ao entrar a directora na sala de aula, como todos os dias costumava, explicava a professora a lição de

Historia Patria, que os alumnos ouviam com respeitosa attenção.

O alumno quando está na classe não deve desviar a attenção das explicações do professor: só assim poderá aprender e obter boas notas.

Em todos os logares da Terra, isto é, do mundo que habitamos, dizia, encontram-se sêres vivos. Esses sêres ou são homens como nós, ou animaes domesticos ou selvagens.

Ha muitas regiões mesmo aqui no Brasil, que nunca foram percorridas pelo homem, mas onde se encontram habitadores: ahi se vêem as feras, como a onça e esta é o mais temivel inimigo do homem nas mattas brasilienses; o maracajá, da mesma ordem da onça, pertencentes ambos á familia dos carnivoros; as innumerables espécies de cobras e lagartos venenosos, e muitos outros animaes.

No Brasil, como devem saber, não ha lóbos, nem leões ou pantheras. Estas espécies mui ferozes habitam outras regiões do globo, principalmente a Asia e a Africa, lá do outro lado do mundo. Vejam neste mappa como ficam distantes de nós esses logares! Para os attingir, precisamos atravessar estas vastas massas liquidas que são os oceanos.

Pois bem, assim como em todos os logares do mundo ha habitantes, aqui na nossa cara Patria tambem os havia, na época do seu descobrimento.

Não eram, porém, homens como os que conosco vivem, educados e instruidos, civilizados, emfim.

Dizemos que os homens são civilizados, quando



cultivam as letras, as artes e as sciencias, e sabem applicar os seus conhecimentos em cousas de utilidade.

Os homens que aqui viviam nesse tempo não conheciam nada disso; viviam embrenhados, isto é, não sahiam das florestas, não uzavam roupas, e apenas se alimentavam de frutos, hervas e raizes que encontravam ao seu alcance.

Algumas tribus, assim se chamava um agrupamento desses homens, caçavam e pescavam, comendo os animaes que desse modo encontravam, apenas assados no espêto ou ligeiramente chamuscados. Outros mais barbaros e ferozes comiam carne humana—eram os chamados antropophagos.

O seu mundo, a sua Patria, era aquelle pedaço de terra cheio de arvores, em plena matta, sem edificação nem progresso de nenhuma espécie, e, visto que nada mais conheciam ou possuíam além daquillo, travavam luctas crueis quando outro bando mais ouzado tentava apoderar-se dos seus dominios.

As guerras eram então terriveis, e alguns havia que só deixavam de combater quando exterminavam completamente os inimigos.

As suas armas principaes eram o tacape, a clava ou tangapema, pesadas maças de madeira, e, para annunciar os combates, possuíam a inubia e os borés. Era a inubia uma espécie de buzina feita com o osso da côxa de uma pessoa, com certeza de algum dos prisioneiros mortos no horrivel combate.

Fôram esses homens, os indios, selvagens ou indigenas, os primeiros habitantes do nosso Brasil. São

assim chamados por viverem nas selvas ou florestas e nada conhecerem de civilização.

Ainda se encontram indigenas em muitos lugares, principalmente nas duas Americas.



NOTA. — A professora explicará a razão por que impropriamente são chamados *indios* os selvagens ou indigenas do Brasil.

## VI

### UMA BÔA LIÇÃO

Tivemos hoje na aula uma noticia que nos encheu de grande satisfação: prometteu-nos a profesora conversar connosco, pelo menos duas vezes por semana, sobre algum defeito que porventura fosse notando entre os alumnos.

Como havia na classe um menino muito falador, que a todo instante interrompia os outros contando-lhes historias e fazendo mil perguntas a um que ficava ao seu lado e que era até bem comportado, falou-nos então sobre a Tagarelice e disse-nos mais ou menos isto:

—Falar a toda hora aborrece aos que escutam e tira o habito de reflectir sobre o que se ouve ou lê.

O tagarela torna-se odioso. Em sua presença ninguem mais tem o direito de falar, porque elle a todos toma a palavra, ás vezes irreverentemente.

E' esse um feio defeito, que, não tendo em tempo a correção devida, degenera em vicio.

Devemos ser expansivos, tagarelas nunca. Para isso basta que saibamos investigar o que ouvimos ou lemos, afim de tirar d'ahi só o que aos outros aproveite, ouvindo-nos.

Estuda tudo o que passar sob tuas vistas, imprime sempre á tua conversação um cunho vivo de sinceridade, e terás conseguido o dom de agradar, quando falares.

O tagarela não poderá jamais aprender bem, porque não lhe será possível escutar.

Gostei muito da lição e garanto que nunca serei um falador.





## VII

### O RECREIO

A's dez horas toca a sineta, annunciando o recreio. Que alegria em todos os semblantes !

Hoje não ficou nenhum dos meninos detido na classe: todos souberam muito bem as lições e não tiveram máu comportamento até a essa hora.

A professora está por isso satisfeita, porque, sendo bôazinha, muito amiga das crianças, custa-lhe castigar qualquer uma.

Quando é preciso, porém, mesmo contra a vontade, ella castiga. Si não fizer assim, os meninos que

nem sempre são estudiosos, nada aproveitarão das lições.

Um dia destes vimo-la muito aborrecida por ter de castigar um alumno. Mas elle procedeu mal na aula: além de não ter sabido a lição de calculo, não quis copiar, como lhe mandára a professora, todo o exercicio do dia.

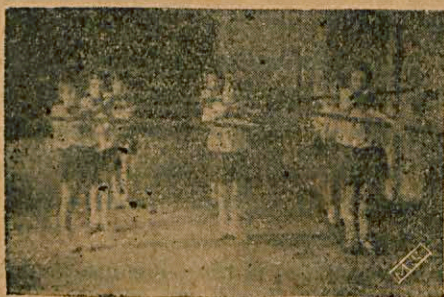
O menino nunca deve ser desobediente.

O recreio é um momento de prazer para as crianças. No logar a isso destinado reúnem-se todas as classes, e é uma alegria que se espalha em vozerias e risadas por quasi toda a casa.

Formam-se grupos, filas e fileiras, e, enquanto estes conversam numa incessante animação e outros riem de historias engraçadas que lhes contam os companheiros, outros dão saltos e apostam umas carreiras.

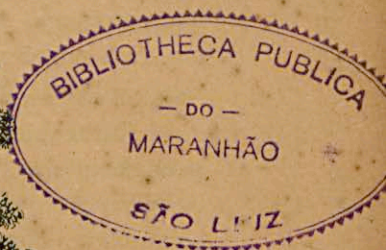
No fundo do salão agrupam-se as meninas. Vem o Jardim da Infancia, e, sob a direcção das alumnas mais adiantadas, entre as quaes se acham Ruth e Amelia, começa a criançaçada os seus interessantes brinquedos de roda. Quasi todas cantam alegremente, mas, quando mais animados vão os folguedos, toca a sinêta.

O recreio já terminou !



VIII

PLANTAS DO GLOBO



Ouvimos na lição de Geographia cousas bem interessantes.

Falou-nos a professora sobre as produções do Globo, no reino vegetal.

Tinhamos em frente varios quadros proprios para

essas lições. Já sabíamos pelas lições de Ensino Objectivo qua as plantas pertencem ao reino vegetal e são sêres que nascem, crescem e vivem, mas não se podem mover por si de um logar para outro, como os animaes. Fomos então estudá-las conforme as regiões do Globo em que se encontram.

Ha na terra cinco zonas ou faixas determinadas pelo equador, os tropicos e os circulos polares.

O equador, já sabemos, é uma linha imaginaria que, passando pelo centro, divide a esphera terrestre em duas porções iguaes, chamadas por isso hemisphe-rios, palavra que quer dizer—metade da esphera.

Os tropicos e os circulos polares são os principais parallellos. Estes são circulos que seguem a mesma direcção do equador, com o qual, porém, nunca se encontram, chamando-se por isso parallellos. Elles se tornam cada vez menores á medida que se approximam dos pólos.

Pois bem, em cada uma dessas zonas, pelo clima que as distingue, vivem umas espécies de plantas, ás vezes bem differentes das de outras zonas.

Na zona torrida, que é de todas a mais quente, por ficar situada entre os tropicos, na faixa cortada pelo equador, crescem as palmeiras como a tamareira, o coqueiro, a carnahubeira e muitas outras, o baobab, a maior arvore conhecida, as grandes arvores frutiferas, como a laranjeira, a mangueira, a bananeira, o abacateiro, etc., os arbustos como o cafeeiro, o algodoeiro, a herva-mate, a acacia que produz a gomma arabica; ha ainda o nopal que cria a cochonilha, e a seringueira ou arvore da borracha.



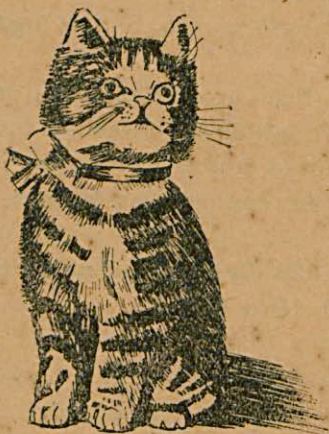
Os cereaes, como o trigo, a aveia e o centeio; as vinhas, a beterraba de que se faz tambem açucar; o lupulo que serve para a fabricação da cerveja; os carvalhos, os pinheiros, dão melhor nas zonas temperadas. São estas as que ficam entre os tropicos e os circulos polares.

Nas zonas frigidias ou glaciaes que são os logares da terra menos favorecidos pelo clima, que ahi é sempre frio e onde tudo quasi é coberto de gelo, só se encontram plantas mirradas ou rachiticas, isto é, sem desenvolvimento algum. São as algas, os musgos e os lichens.

Para outra lição prometeu-nos a professora conversar sobre as plantas do Brasil, o que muito nos alegrou. Amamos a nossa Patria, por isso gostamos immensamente de conhecer as bellezas que ella encerra.

Todo cidadão digno desse nome faz do amor á Patria um verdadeiro culto.





IX

## O GATO

Ha na escola um animalzinho que nós todos estimamos.

E' um gordo bichano, de pello negro e luzidio e olhos de um verde amarellado, muito vivos e faiscentes.

Como é sempre animado pelas crianças, principalmente pelos pequeninos que frequentam as primeiras classes, gosta o Velludo, que assim se chama o gatinho, de passear pelas salas de aulas e muitas vezes o encontramos dentro das nossas carteiras.

Aproveitou um dia destes a mestra uma das suas visitas para nos falar sobre os quadrupedes, a cuja ordem de mammiferos pertence o gato.

Soubemos então que o gato, a onça, o tigre, o maracajá etc., por possuírem unhas compridas e afiadas, são chamados felinos. O primeiro, pela facilidade com que se acostuma aos nossos habitos, pois é por indole manso e pacifico, é um animal domestico; os outros, rebeldes e indomaveis, que só podem viver nas mattas, entre as feras, são considerados selvagens.

São domesticos todos os animaes que podem viver comnosco e que com facilidade se amansam. Ha muitos animaes domesticos, mas entre os quadrupedes, o cão e o gato são os mais chegados ao homem.

O gato, além de ser paciente e humilde, acceitando com brandura o nosso carinho, presta-nos grandes serviços, extinguindo os ratos, as baratas e outros bichinhos que nos são muito nocivos.

O cão é tambem um poderoso auxiliar do homem, pois, sendo-lhe amigo dedicado e fiel, guarda-lhe a casa, ajuda-o nas caçadas e até o salva nos naufragios, como fazem esses admiraveis cães da Terra-Nova, grandes e orelhudos.

E' dever de todos tratar bem dos animaes, principalmente daquelles que nos são de utilidade.

## A POLIDEZ

Quando vinhamos pela manhã para o collegio, presenciámos um factó que muito nos contrariou.

Caminhava na nossa frente um ancião já bastante alquebrado e tropego. Apoiado a uma bengala, via-se bem que lhe era um sacrificio andar assim pelas ruas já muito movimentadas.

Em direcção contraria vinha um rapazinho forte e robusto, de physionomia alegre, mas um tanto arrogante.

Ao passar pelo velhinho, em vez de descer da calçada para não lhe embaraçar mais o passo, como deve proceder um menino bem educado, roçou-o de tal forma que faltou bem pouco para o atirar do outro lado.

Revoltou-me aquelle procedimento indigno e descaridoso, e, chegando ao collegio, logo o contei á professora.

Na hora da escripta copiámos, então, a seu mandado, esta bella lição que eu muito gostaria fôsse lida por aquelle malcriado rapazinho.

### A polidez

Esta qualidade que nos distingue perfeitamente das pessôas menos cultas, dá tambem excellente idéa do nosso coração.

Toma sempre attitude respeitosa quando falares com pessôas já idosas e levanta-te sempre á sua entrada no logar em que estiveres.

O respeito á velhice é o maior caracteristico de educação que se pode apresentar e o mais bello indicio de sentimentos elevados e sãos.

Cultiva sempre o habito salutar da cortezia, da delicadeza : verás como has de ser acatado e respeitado.



## FESTA DA ARVORE

Commemoraram as escolas este mês a sympathica e significativa festa da Arvore.

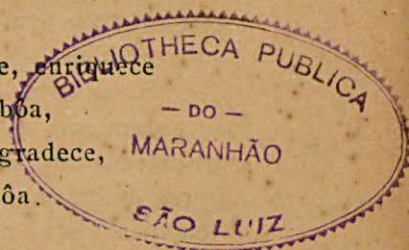
Como todos os annos, sahimos em formatura e, muito alegres e garbosos, fomos a uma das lindas praças da cidade plantar tambem a nossa arvore.

Escolheu a professora a praça Gonçalves Dias uma das mais apraziveis, situada quasi á beira-mar e com uma vista encantadora para a bahia de S. Marcos e rio Anil. Foi esse o local preferido, principalmente por se achar ali a estatua do maranhense illustre que foi Gonçalves Dias, o mais notavel poeta lyrico da sua época.

Plantámos uma palmeira, e, enquanto dois pequeninos do curso preliminar empunhavam os minusculos instrumentos agricolas, as meninas de todas as cutras classes cantavam aquelle bello Hymno da Arvore, cujos versos de Olavo Bilac resumem a razão magnifica do plantio de uma arvore.

Achamos um encanto nesta quadra que o inicia, e, como a sabemos de memoria, gosto de repeti-la sempre. Ei-la :

Quem planta uma arvore, <sup>enriquece</sup>  
 A terra, mãe piedosa e boa,  
 E a terra aos homens agradece,  
 A mãe aos filhos abençôa.



Explicou-nos um dos professores toda a utilidade da arvore e o culto que por isso lhe devemos render. Si não fosse a arvore, disse-nos, quasi não poderiamos viver, pois tudo ella nos fornece, desde a sombra com que nos protege nas horas de forte calor e a pureza do ar que respiramos, até a madeira com que preparamos os moveis de que nos utilizamos e as casas para o nosso abrigo.

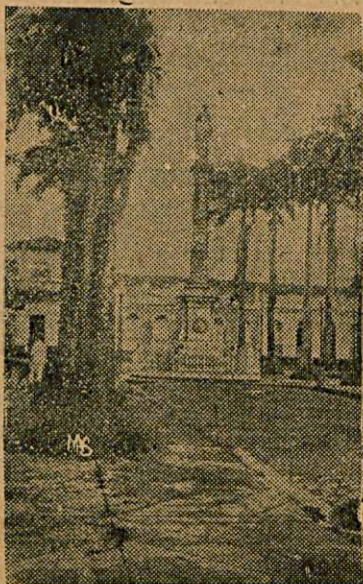
E' do vegetal, reino a que pertence a arvore, que tiramos muitos dos nossos alimentos, não só naquelles saborosos frutos de polpa macia e rica de principios nutritivos, como nos legumes e cereaes que constituem poderoso condimento para a nossa mesa.

As mattas brasileiras são opulentas e prodigiosas. Rendamos o nosso culto ás altivas palmeiras que nos fornecem os innumerados côcos tão uteis nas industrias, ás frondosas arvores frutiferas, como as mangueiras, os abricozeiros, abacateiros, sapotizeiros, o cacauero e tantas outras; aos elegantes arbustos que nos dão o café muito apreciado, si bem que um pouco excitante, o algodão e o linho com que se fazem os tecidos para as nossas roupas e muitos outros. Des-

viando-nos um pouco do nosso assumpto, não esqueçamos tambem as mimosas plantinhas de haste flexivel que produzem as innumeraveis flôres que nos encantam pelo seu perfume e pelo colorido lindo das suas petalas.

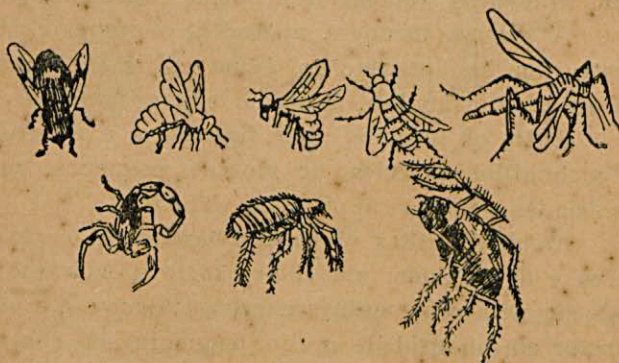
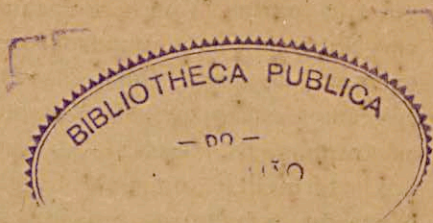
Si as aves, principalmente os passarinhos, nos encantam com as suas modulas canções, as arvores, os arbustos e até as rasteiras plantinhas, com as suas flôres de harmoniosas côres e lindas formas nos delíciam a vista, embriagando-nos com o seu aroma suave e alentador.

A arvore é a bençam da Natureza. Não a devemos destruir nem maltratar.



Praça Gonçalves Dias com a estatua do glorioso maranhense





## XII

### OS INSECTOS

Quando pelas férias deste anno estiver com os meus paes no nosso sitio em um dos extremos da ilha, e nos passeios costumados encontrar essa infinidade de animaezinhos que se vêem nas folhas das arvores, nos cercados das vivendas e na areia das estradas, não os olharei mais com indiferença, nem os matarei.

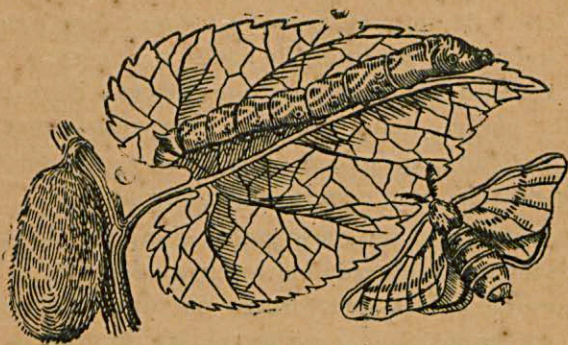
Tivemos hoje uma esplendida lição sobre esses sêres que se chamam insectos e cujo corpo se divide em três partes. Vimos no pequeno museu de Historia Natural e nos quadros que possui a Escola, exemplo de quasi todas as espécies de insectos e soubemos então que, si os gafanhotos, os mosquitos, as aranhas, as baratas e as moscas, só servem para nos atormentar, pois são animaes nocivos, em compensação, o bicho da sêda e a abelha nos proporcionam alimentos, vestuarios e outras commodidades.

A mesma formiga, apesar de algumas espécies destruirem as plantações, é um edificante exemplo de amor ao trabalho, á ordem e á economia.

Entre os insectos uteis figuram a cantharida e a cochonilha, espécies de moscas pequenas, muito apreciadas pela sua applicação industrial.

As cantharidas vivem em bandos em certas arvores e desprendem um cheiro forte e excitante que pode ser nocivo ás pessôas nervosas. Sêccas e moidas, entram em quantidade muito pequenina na composição de certos medicamentos.

A cochonilha que habita nas plantas, principalmente na chamada nopal, é de uma côr escura quando viva, mas, quando morta, produz uma bella tinta, conhecida no commercio e nas artes pelo nome de carmin.



### XIII

## O BICHO DA SÊDA

Continuando as lições sobre os insectos, falou-nos a professora sobre o bicho da sêda, o fornecedor dos fios para os mais bellos e estimados tecidos, e prometteu-nos para a lição seguinte uma tambem muito interessante sobre a fabricadora do mel—a laboriosa abelhinha.

Do primeiro aprendemos que, sendo originario dos paizes orientaes, principalmente da China, situada lá na Asia, já se encontram muitas espécies no Brasil.

E' esse importante insecto a lagarta de uma borbolêta, cujos ovos de côr acinzentada, do tamanho de uma cabeça de alfinete, podem ser por muito tempo conservados, uma vez que não se exponham aos raios do sol ou ao calor do fogo.

Logo que sae do ovo, tem esse insecto o nome de larva, e é apenas um minusculo e insignificante verme.

Dentro de um mês ou mês e meio attinge o maior desenvolvimento, medindo de cento e cincoenta a duzentas vezes o tamanho com que nasceu. Esse crescimento, porém, não é contínuo, suspendendo-se em certos periodos em que o animalzinho cáe em uma espécie de profundo somno ou lethargia.

Attingindo o seu crescimento completo, vae a lagarta fazer a sua morada em um ramo entre as folhas da amoreira, planta que fornece os alimentos preferidos. Ahi então, com a sêda que tira do proprio corpo, construe uma casinha do feitio de um ovo de pomba, alongado, onde sosinha se fecha de todo, ficando sem communicação alguma para fóra. E' o que se chama o casulo. (1)

Segue a lagarta a marcha natural da sua vida e passa então pela primeira metamorphose. (Esta palavra quer dizer—mudança de forma). Toma nesse momento o feitio de uma mosca não pequena, com as asas e as pernas dobradas. Nesse estado tem o nome de nympha ou chrysalida.

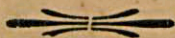
---

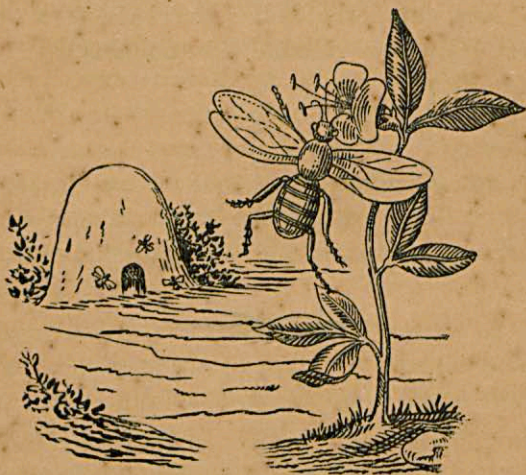
(1) Convém aqui dizer que não é somente na amoreira que se pode criar o bicho da sêda, pois em algumas localidades do interior do Maranhão, como em S. Bento e Vianna, por exemplo, encontram-se ás vezes cajueiros e cajazeiros completamente cobertos de casulos de sêda finissima. Nunca foram, entretanto, proveitados.

Passados seis ou oito dias de novo adormecimento, transforma-se em borbolêta e sáe então do casulo; mas como as asas, muito frageis, não podem sustentar o corpo, morre quasi sempre ali mesmo a borbolêtiua apenas tenha posto novos ovos.

Para aproveitar a sêda, toma-se o casulo antes que o bicho da sêda tenha alcançado esta ultima phase e, mergulhando-se em agua quente, mata-se a larva. Obtém-se então a sêda perfeita, com os fios inteiros.

E' isto uma crueldade : tirar a vida a uns pobres sêres para dar vaidade aos homens.





XIV

## A ABELHA

Cumprindo o que promettera na vespera, conver-  
sou hoje connosco a professora sobre as abelhinhas,  
de que já conhecemos a utilidade no preparo ou fa-  
bricação do delicioso mel. Serve-nos este de remedio,  
principalmente para as molestias da garganta e dos

pulmões, além de ser esplendido alimento pelos princípios nutritivos que contém.

Diligente e laboriosa, é, portanto, a abelhinha muito digna também da nossa estima.

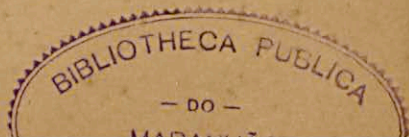
Na mesma colmeia ou cortiço, que é a casinha das abelhas, ha três classes desses insectos: os masculinos, os femininos e as neutras.

As neutras são as que vemos voar fóra da colmeia, e que não só sugam as flôres e rezinas aromaticas, como fazem os casulos de cêra onde depositam o mel. Os masculinos, menores em tamanho e em quantidade, e aos quaes se dá o nome de zangões, têm vida muito curta, pois, logo que terminam a sua missão, que é de fecundar as abelhas femininas, são mortos pelas neutras que, com todo o cuidado, lançam os cadaveres fora da colmeia. A abelha feminina ou abelha mestra é a unica em cada enxame. Assim se chama um conjuncto desses insectos. Quando apparece mais de uma, brigam entre si até ficar uma vencedora que toma conta do seu reinozinho.

O trabalho entre esses diligentes sêres é feito de modo admiravel e na mais perfeita ordem. As operarias, que são da classe das neutras, dividem-se em grupos, e, emquanto umas vão á colheita das flôres, isto é, vão chupar-lhes o nectar, outras fabricam os favos de cêra no interior da colmeia e tratam da alimentação dos pequeninos.

São estes insectos, pela ordem e união que reina no seu pequeno mundo, apontados com muito acerto como emblemas da associação.

E' admiravel vê-los trabalhar e conduzir-se!



## A FRANQUEZA

Tivemos ontem uma lição que ficará eternamente gravada no espirito. Falou-nos a professora sobre esta qualidade do character.

—Fala sempre de cabeça erguida e olhar firme, disse-nos, é o distinctivo das pessoas francas e sinceras. Não fales, entretanto, sem medir as palavras, principalmente quando te dirigires aos teus superiores. Revelarias, si assim procedesses, que não cultivas a delicadeza de maneiras e das acções.

Ser franco, porém, não quer dizer que se manifeste tudo o que se pense.—Ha verdades uteis que convém dizer, mas com moderação e proposito. Ha verdades que offendem, inutil será falar sobre ellas.

A proposito, contou-nos esta excellente historia traduzida de um notavel escriptor francês.

O morcêgo accusava o sol.



—Para que serve, dizia elle, esta machina a cegar o mundo ?

A andorinha lhe respondeu :

—E' o sol que nos faz viver. Si tua vista não pode supportar a claridade do dia, esconde-te nessa occasião.

—E' uma franqueza util reprovar ás pessoas sua injustiça.

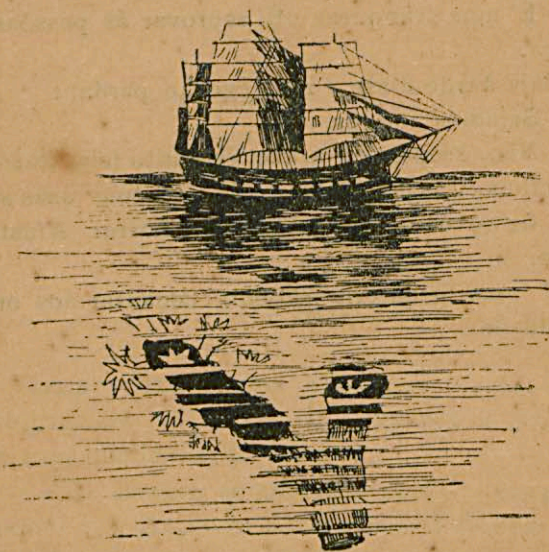
Mais tarde disse o morcêgo ao pardal :

—Sejamos amigos.

—Não, respondeu a ave, és muito feio. Tuas longas orelhas, essas bolsas do lado e tuas asas semelhantes ás do demonio, causam-me horror. Afasta-te, monstro.

E' uma grosseria ridicula censurar aos outros sua fealdade.





XVI

## O MAR

Que lindo panorama nos offerece a vastidão do mar!

Gosto muito de contemplá-lo pela manhã ou ao entardecer, e aquelle revolto tumultuar das ondas sempre variado e incessante, enche o meu espirito de prazer e encanto.

A vista de uma floresta, com aquella variedade de matiz da folhagem, das flôres e dos frutos, tambem me attrae e encanta, mas ha na sua contemplação um tom de monotonia que entristece.

O mar, pela sua profundeza e mysterio, enleva muito mais a alma.

Não o devemos, porém, admirar somente pela sua grandeza e pelo que de bello se apresenta aos nossos olhos, pois, como as florestas, encerra tambem immensas e inestimaveis riquezas.

Entre outras, podemos citar as ostras, animaes da classe dos moluscos, muito apreciados como alimento; a perola e o coral empregados como objectos de luxo na confecção de joias de grande valor; as esponjas utilizadas na industria para o fabrico de objectos domesticos, principalmente escolares.

A ostra sêpara-se da mãe ainda sem casca e flutua livremente no mar, até que, segurando-se a um rochedo, que é um monte de pedra, ou mesmo ao casco de um navio, produz uma substancia dura feita de cal. Com esta materia, que por isso se chama calcarea, faz então a concha em que se encerra.

Algumas conchas marinhas têm na parte interna uma camada mais ou menos espessa de certa materia dura, lisa, branca, de reflexos brilhantes e furta-côres. São as madreperolas, as quaes, como o nome o indica, são as guardadoras ou mães da perola.

Esta é formada pela secreção do molusco, mas não se espalha por toda a concha, liga-se a um corpo estranho que nella entra.

Os coraes são tambem animaezinhos e pertencem

á familia dos chamados zoophitos. Criam-se ligados uns aos outros, formando assim espécies de arvores originaes e singulares que se prendem aos rochedos no fiundo dos mares.

São elles cobertos por uma pelle ou membrana que reune todos, de modo que o alimento tomado por um aproveita a todos os outros.

As esponjas são tambem animaes aquaticos. Vivem presas aos rochedos a pouca profundidade da superficie.





XVII

## O ALGODOEIRO

Tratando das riquezas vegetaes do Brasil, estudámos hoje uma das mais importantes producções do nosso paiz : o algodão.

O algodão, fruto do algodoeiro, arbusto muito

cultivado nas regiões nortistas, é, pelo valor que encerra, justamente conhecido pelo nome de ouro branco. Dá em abundancia nos estados do nordeste brasileiro, notadamente no Maranhão, nos municipios situados á margem dos rios Itapecurú e Mearim.

A cultura do algodoeiro exige, como em geral todas as plantas uteis, grande cuidado da parte dos agricultores. São estes os homens que tratam do amanhã ou cultivo da terra, preparando-a para a sementeira.

E' arbusto proprio das zonas quentes, por isso é que dá bem no Maranhão, situado na zona torrida.

E' preciso protegê-lo de muitos animaes damninhos que o estragam ás vezes em poucos dias. O seu mais terrivel inimigo, porém, é a lagarta rosada que destruirá algodoaes inteiros si em tempo não a procurarem exterminar os agricultores.

E' interessante ver um algodoeiro quando estão desabrochando os capulhos.

Apertadas entre as sepalas esverdeadas de uma espécie de calice, começam a sahir uns flôcos brancos, mais tarde, uma pasta sedosa e macia que cobre completamente uns caroços pardacentos quasi pretos. E' essa pasta o algodão, que, depois de descaroçado em machinas apropriadas, vae para a prensagem, isto é, vae ser bem comprimido para poder ser ensacado.

Nas fabricas de fiação, para onde é em seguida transportado, passa elle então por varios processos, transformando-se, depois de fiado e bem tecido, nos admiraveis pannos com que fazemos as nossas roupas e arranjos domesticos. Todos elles, desde o mais

grosso tecido, constituem uma das grandes indústrias brasileiras, especialmente nos municípios maranhenses.

Das sementes deste arbusto prepara-se um óleo muito applicado para lubrificação das machinas, aproveitando-se os residuos para o fabrico do sabão commum.





XVIII

## DUAS PALMEIRAS UTEIS

Das innumeras plantas que enriquecem a flora brasileira, disse-nos hoje a professora, distingue-se pela belleza e elegancia das suas folhas e altivez do porte sempre erecto. a magestosa palmeira, de caule liso e fino.



Foi a palmeira que inspirou a Alberto de Oliveira, o primoroso poeta brasileiro, estes bellissimos e encantadores versos :

Ser palmeira ! Existir num pinCARO azulado,  
Vendo as nuvens mais perto e as estrellas em bando,  
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,  
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando.

Só de meu cimo, só de meu throno, os rumores  
Do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol,  
E no azul dialogar com o espirito das flores,  
Que invisivel ascende e vae falar ao sol;

Sentir romper do valle aos meus pés, rumorosa,  
Dilatar-se e cantar a alma sonora e quente  
Das arvores que em flôr abre a manhã cheirosa,  
Dos rios, onde luz todo o esplendor do Oriente;

E, juntando a essa voz o glorioso murmurio  
Da minha fronde, e, abrindo ao largo espaço os véus  
Ir com ella através do horisonte purpureo  
E penetrar nos céus...

Foi ainda a palmeira a inspiradora do nosso genial Gonçalves Dias na sua mimosa «Canção do Exilio», que todos nós já aprendemos.

O caule da palmeira tem o nome especial de estipe ou espique.

Pela utilidade e applicação industrial, citam-se como principaes a carnahubeira e o coqueiro que produz o babassú.

A extracção do côco babassú constitue hoje um dos mais poderosos factores do nosso progresso commercial, pois a sua exportação para os outros estados

brasileiros, como para o estrangeiro, tem tomado nestes ultimos tempos grande desenvolvimento.

Da carnahubeira quasi tudo tem utilidade, desde as fibras que servem para a fabricaçãõ de cordas, esteiras e chapéus trançados, muito usados pelos caboclos das regiões sertanejas, o oleo das suas folhas, de



que se fazem velas e archotes empregados para illuminação, até o caule que se transforma em commodo assoalho para as casas rusticas. Mesmo as raizes se aproveitam, pois são, pelos principios que contêm, excellente depurativo.

Encontra-se em abundancia esta palmeira nos

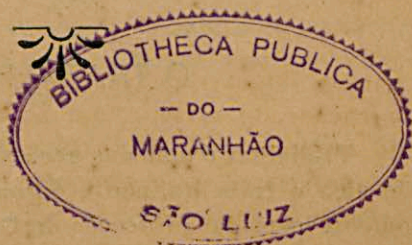
vastos campos de Vianna e Cajapió, dois florescentes municípios do Maranhão.

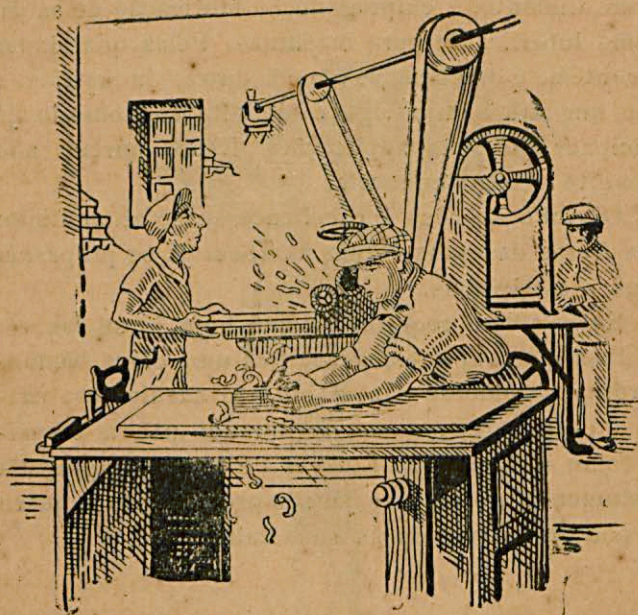
O babassu que cresce também abundantemente em quasi todas as regiões do Estado, possui, como a carnahubeira, uma variedade enorme de applicações.

O oleo que se extrae do côco, além de ser um optimo alimento, é empregado na fabricação de sabão e como lubrificante para machinas. Pelas qualidades que contém, é também usado em outras industrias, e dizem que até a manteiga e o leite condensado já participam das suas applicações. Estas, porém, não são muito recommendaveis.

O vinho de côco é excellento succo alimenticio, e das fibras das suas folhas também já se preparam cordas e esteirinhas.

Retirando o coquilho, o que hoje já se faz em machinas quasi aperfeçoadas, fica uma casca bastante grossa, de que se fazem botões, cachimbos, cuinhas e outros objectos de uso, quando não a empregam como combustível. Em vez de lenha, empregada commumente, os vapores já são providos do babassu para pôr em actividade as suas caldeiras.





XIX

## O TRABALHO

Trabalhar é uma das necessidades da vida. Quem não ama o trabalho, não é digno da consideração dos homens, nem da protecção de Deus, o creador e bem-feitor do mundo.

Todo trabalho é uma benção, e nem um deshonra a quem o pratica com dedicação e amor.

Si vires o humilde trabalhador dos campos empunhando a sua enxada ou a sua foice, e com ellas revolvendo e beneficiando a terra, olha-o com o mesmo respeito e admiração com que saúdas o engenheiro, o medico ou o professor, que, ao serviço de sua profissão, despendem o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Ninguém pode viver sem trabalhar, mesmo que as circumstancias da vida, favorecendo a ociosidade, dispensem os ricos de tirar do seu trabalho o necessario á sua subsistencia e de sua familia.

O ocioso é um ente inutil e a sua convivencia, um elemento pernicioso á sociedade. O espirito daquelles que não trabalham é como uma casa abandonada em meio de uma floresta. Si esta, sempre aberta, pois não possui dono para fechá-la, é o abrigo das feras e dos malféitores que por ali transitam, aquelle é o repositório do mal, dos vicios e da maledicencia.

Por mais folgada e venturosa que seja a nossa condição, nunca devemos deixar de procurar um trabalho que nos honre e engrandeça.

E' na escola que se adquire o habito do trabalho, e o alumno que estuda com methodo, attenção e obediencia, nunca será ocioso.

Ha uma espécie vegetal que vive á custa das plantas laboriosas que, pelo seu esforço, adquirem seiva e vida propria. A estas se enroscam e se apegam, e de tal modo se prendem á arvore criadora, que ás

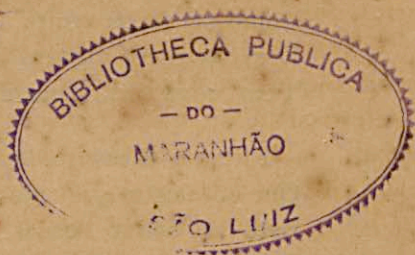
vezes lhe occasionam a morte — são as parasitas, o terror dos lavradores.

Tambem os preguiçosos, aquelles que nada querem fazer por si e aos outros se encostam para conseguir o sustento ou as posições, são uns parasitas sociaes, de cujo contacto devemos fugir.

Amanhecer no trabalho e nelle anoitecer, tendo apenas nesse espaço de tempo os minutos necessarios a um reconfortante repouso, deve ser sempre a preocupação de todos os que, aspirando á eterna bemaventurança, desejam sobretudo a paz da consciencia.

Trabalhar é um grande bem, além de ser um dever honroso e digno!





## XX

Determina o horario da classe um exercicio de recitação todos os sabbados. Isso, explicou-nos a professora, é para nos desenvolver e educar a memoria.

Escolhe sempre a mestra producções de poetas brasileiros, principalmente maranhenses. No sabbado ultimo, por exemplo, recitámos estas lindas quadrinhas de Humberto de Campos, illustre maranhense, filho de uma das nossas cidades.

Uma quadra é uma composição poetica em que ha quatro versos. Chama-se verso cada linha da quadra

### Os olhos de minha filha

De um lindo oriente, humidas, limpidas,  
Brilhando sempre para mim,  
Eu tenho em casa duas perolas  
Em duas caixas de marfim.

São meu thesouro; si a mão tremula,  
Alguma dellas quer tocar,  
Subito, a suave concha cerra-se,  
Como outras conchas que ha no mar.

Noivas do sol, á noite fecham-se,  
Como se fecha muita flôr,  
E si as rocia alguma lagrima,  
Têm nova luz, mudam de côr.

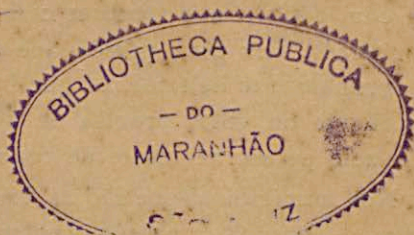
—Filha, o thesouro unico, e esplendido,  
Que eu tenho e ao mundo se retrae,  
Está no brilho dessas perolas  
Que são o orgulho de teu pai !

Humberto de Campos, como outros muitos maranhenses illustres, é autor de varios livros e hoje faz parte da Academia Brasileira de Letras.

E' um dever cultuar os grandes homens que pelo seu talento e operosidade se distinguem nas letras, nas sciencias e nas artes.







XXI

## UMA LIÇÃO DE INSTRUÇÃO CIVICA

Aproveitámos bastante todas as nossas lições de hoje, e das notas que tomei vou fazer um ligeiro resumo da lição de Instrução Civica, de que muito gostei. Falámos sobre o governo de um Estado.

Nosso pae e nossa mãe governam a casa. Cada um na sua esphera, tendo uns tantos serviços a seu cargo, dirigem o lar, tratam da manutenção de todos os seus membros, e, sempre de accordo, auxiliando-se com delicadeza e amizade, velam pelo nosso bem estar para que estejam todos sempre alegres e bem dispostos.

Os filhos por sua vez devem auxiliar os paes para lhes recompensar os grandes beneficios que diariamente recebem. Enquanto pequenos, esse auxilio se resume em não desobedecer aos mais velhos, em attender sempre com bôa vontade aos seus conselhos e em tratar dos estudos e mais trabalhos escolares como a primeira obrigação para que se encaminbem na vida.

Assim como essa reunião de pessoas que faz parte da mesma familia, habita a mesma casa, auxiliando-se com affecto nas menores cousas como nas mais importantes, tem uma pessoa que as dirige, tambem esse agrupamento de familias que habita a mesma região, cidade ou villa, precisa de um chefe que o dirija e zele pelos interesses de todos.

Nos municipios (que são as villas ou cidades que formam o Estado), a pessoa encarregada de o administrar tem o nome de intendente ou prefeito.

Cada municipio tem o seu chefe ou encarregado de tratar dos interesses do povo, mas todos reunidos devem observar as leis e determinações de um chefe commum que se chama governador ou presidente do Estado.

As leis em um Estado são feitas pelos deputados, que, tambem eleitos pelo povo, trabalham no Congresso Estadual, mas sem a sanção ou approvação do Presidente ou Governador do Estado, não poderão ser executadas.

Representa o Congresso o Poder Legislativo, isto é, o que faz as leis e o Presidente encarna o Poder Executivo, pois é elle que as manda executar.

O chefe do nosso Estado tem o nome de Presidente; o municipio da capital, é, portanto, administrado por um Prefeito, tendo tambem este titulo os administradores dos outros municipios.

O Brasil inteiro obedece á direcção de um chefe, que é o Presidente da Republica. Eleito pelo povo, isto, é por todos os brasileiros que attingem á idade de votar, governa o paiz durante um quadriennio.

Actualmente, está o Brasil sob o regimen de dictadura, não obedecendo a uma constituição. Chama-se o dictador que o governa presentemente, Dr. Getulio Vargas, achando-se na interventoria do nosso Estado, o Capitão Lourival Serôa da Motta.

Chamam-se interventores os chefes dos Estados no governo dictatorial.

Assim como os pais que governam o lar e os mestres que dirigem as escolas merecem todo o acatamento e respeito, o chefe de um Estado e o do paiz inteiro devem ser por todos acatados e respeitados. Só assim prosperará o Estado assim como só com a amizade e o respeito aos paes e aos professores, que os representam em tudo, poderemos ter proveito nos estudos e satisfação no trabalho.





XXII

## CORPOS CELESTES

Como é bello o sol ao amanhecer !

Vejo-o sempre surgir por entre as nuvens e gosto de acompanhá-lo nas diversas posições que toma durante o dia.

Sabem por que já estou de pé quando apparece o sol? Porque, tendo de ir para a escola antes das oito horas, levanto-me ás cinco e meia para recordar as lições. Pela manhã o espirito completamente refeito por um tranquillo somno, apreñde mais depressa o que se estuda e a memoria facilmente o ajuda nesse trabalho.

Antigamente, quando via o nascer do sol, suppunha as cousas muito diversas do que na realidade são. Acreditava que esse corpo celeste se movia sempre em torno da terra que eu suppunha parada, presa a um eixo fixo, como a arvore é presa ao solo pelas raizes.

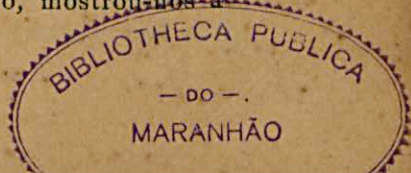
Agora, porém, já conheço a explicação de tudo. Disse-nos a professora, e tudo o que ella diz é bem certo, que o sol é uma estrella fixa, e a Terra, que é um planeta, é que se move ao redor delle.

Estrellas são os astros que têm luz propria. Esta luz, assim como o calor que possuem, elles transmitem a outros astros, chamados planêtas, e que giram a seu redor. Ha uma infinidade de estrellas na esphera celeste, e tão grande é esse numero que nunca as poderemos contar exactamente.

São todas muito grandes, maiores muitas vezes do que os planêtas, mas, como ficam a uma distancia enorme da Terra, parecem-nos bem pequeninas.

O sol, que nos dá luz e calor, é a estrella mais proxima de nós, por isso é que nós o vemos desse tamanho.

Ha muitos planêtas em movimento em torno do sol. Fazendo um desenho illustrativo, mostrou-nos a



professora a posição de cada um em relação ao sol São elles: Mercurio, Venus, a Terra, Jupiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão. Este foi descoberto ha pouco tempo.

Alem desses planêtas soubemos que ha outros astros que os acompanham em todos os movimentos : são os satellites ou planêtas menos volumosos e que tambem recebem a luz e o calor do sol.

O satellite da terra é a lua que todos nós já conhecemos, pois de dias em dias a vemos com um brilho desmaiado illuminando a Terra.





XXII

## A LAVOURA DO CAFÉ

Quando, numa das ultimas aulas, a professora nos falou sobre o algodão, disse-nos que em breve conversaria connosco tambem sobre o café.

Foi hoje a occasião.

Como aquelle producto, constitue este uma das riquezas do nosso paiz, frutificando abundantemente nos estados de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro.

Em S. Paulo ha immensos e viçosos cafezaes, principalmente na região occidental do Estado.

Desenvolve-se de preferencia nas serras e em logares onde as estações sejam bem regulares.

O anno se divide em quatro estações produzidas pelo movimento de revolução da Terra. Conforme a posição que os logares occupem, em relação ás zonas, nelles se observarão quatro ou duas estações.

Os que ficam situados na zona torrida, como o nosso Estado, por exemplo, participam apenas de duas estações—a secca ou o verão e a chuvosa ou o inverno; os da zona temperada, que são no Brasil os Estados do sul, gosam de todas quatro: a primavera, o verão, o outomno e o inverno.

E' por isso então que o cafeeiro se dá melhor nas zonas temperadas.

«Por causa da geada, que é um gelo miudo que frequentemente cáe nesses logares, planta-se o café nos pontos mais altos do terreno. Este deve ser muito bem limpo, o que se consegue depois da derriba do matto. Vêm então as mudas ou pés de café que tenham já um palmo de altura, cultivados antes em pequenos vasos.

«Si não fôrem tomadas todas as precauções, não vingarão cafeeiros viçosos, e, si a geada os attingir, matará os seus rebentos.

«No fim de quatro ou cinco annos já se podem colher os frutos, o que se faz pelo inverno. Em maio começa a colheita, e é interessante ver os colonos em bandos numerosos, cada um com o seu cestinho ou samburá a tiracollo, dar inicio ao seu labor.



Despem completamente os cafeeiros, e em pouco tempo só se vêem galhos seccos, inteiramente desfolhados. Apanhando de grão em grão, poder-se-ia evitar que se desnudasse o arbusto, mas o trabalho seria penoso e demorado.

Para tirar as folhas, peneira-se o café, amontoando-se então os frutos, as cerejas, como lhes chamam os cultivadores, pela côr alaranjada ou rubra que apresentam assim maduros, e ahí ficam durante três ou quatro dias.

Vae em seguida para o terreno, uma esplanada bem cimentada ou batida, onde ficam espalhados os grãos para seccar, expostos por muitos dias ao sol, em pleno ar livre. Secco, toma o café a sua côr acinzentada, quasi negra, e vae então ser lavado em grandes tanques dispostos em terreno inclinado, embaixo dos quaes ficará uma grade muito fina que não deixará passar o coquillo. (Chama-se assim o café quando secco). Cahindo a agua em grandes jorros sobre os frutos, desembaraça-os de todos os corpos estranhos que os possam deteriorar.

O café assim lavado é novamente estendido para seccar, e d'ahí, entrando para as machinas apropriadas, que são os descascadores, os ventiladores e os catadores, vae então ser beneficiado, sahindo prompto para ser torrado e moido».

E' uma bebida excellente, bastante nutritiva, mas, usada sem a necessaria reserva, é um excitante perigosissimo para os nervos e o coração. Tomado, porém, com sobriedade, torna-se um poderoso auxiliar da actividade physica e mental.

## XXIV

### A VERDADE

Tivemos hoje outra excellente lição de Moral, tratando sobre a Verdade.

E' esta uma das mais apreciaveis qualidades de um character nobre, justo e recto.

Contou-nos a bôa mestra esta bonita historia:

Caminhava nm dia de Hamadam para Bagdad, cidades asiaticas, um rapazinho de pouca idade, orpham de pae, e a quem a fortuna tentára de conquistar o mundo.

Como unica riqueza, levava consigo, presa ao forro da sua tunica já usada, uma bolsa com algumas moedas. Mais valiosa, porém, para o seu coração de filho extremosissimo, levava tambem a bençam de sua velha mãe que ficára rezando á sua felicidade.

Ao dar-lhe o grande abraço de despedida, apenas lhe pedira a bôa velhinha que nunca faltasse á verdade, acontecesse o que acontecesse.

Em caminho vê-se o rapaz cercado por um grupo de salteadores que a todo custo queriam despojá-lo dos seus haveres.

Perguntaram-lhe si trazia dinheiro, e elle, fiel á determinação daquella que lá ficára a rogar por si, disse-lhe simplesmente a verdade: trazia algumas moedas em uma pequena bolsa, presa por sua mãe ao forro da sua tunica.

Admirados de tanta singeleza e coragem, aquelles bandidos, em cuja alma perversa nunca brilhára um lampejo de benevolencia e bondade, nada fizeram ao incauto viandante, levando-o então á presença do seu chefe.

Interrogado por este si trazia algum dinheiro, respondeu-lhe o bravo menino, com a mesma franqueza e lealdade com que fizera aos seus subordinados.

Inquirindo-lhe então o cruel visitante dos logares ermos e sombrios, o motivo por que não receava dizer a verdade a quem quer que fôsse, obteve como resposta o seguinte:

—Ao sahir de casa jurei a minha mãe que acontecesse o que acontecesse jamais haveria de mentir.

Tocado de tanto sentimento e nobreza d'alma em uma criança que, ao cumprimento de sua palavra, sacrificava a propria vida, o terrivel salteador, que até aquelle momento nunca tivera para com os seus semelhantes um olhar de piedade, deixou seguir em paz o seu indefeso prisioneiro. Disse-lhe ao despedi-lo:

—Nobre criança, si eu fôsse tão fiel ao meu Deus como tu a tua mãe, não seria hoje o terror e o espantinho dos viajantes descautelados que estas paragens atravessam !



## O VENTO

Em dias da semana passada, na lição de sciencias phisicas, foi o «Vento» o assumpto da nossa palestra.

Vimos então que este phenomeno, invisivel, é occasionado pela deslocação do ar - é, como se diz commumente, o ar em movimento.

Ninguem o vê, mas pode ser sentido na pelle, isto é, na epiderme: ha ventos frios, ligeiramente tépidos e quentes. Tambem pode ser ouvido: o leve roçar pelas flores que logo se inclinam brandamente, é um tenue zumbir de insectos; a rajada violenta que as arvores balança, fazendo estalar os galhos e as folhas arrancando, é um rugido feroz em densa matta.

Quando a sua velocidade é de um metro apenas por segundo, tem o nome de brisa e nada produz de apreciavel. Chegando a quatro metros, já nos é

de grande utilidade, pois faz girar os moinhos que trituram o trigo para o nosso pão ou puxam a agua dos poços para os encanamentos. Esses dois serviços, porem, nas cidades adiantadas já são feitos por motores electricos. Com a velocidade de nove metros ainda presta o grande beneficio de enfunar as velas das embarcações que constantemente cruzam os mares.

De vinte e dois metros em diante já começam a constituir os perigos a que todos os annos está sujeita a humanidade, produzindo as tempestades, e é o furacão ou o tufão que em terra vira os guarda-chuvas nas ruas, arranca as arvores e destelha as casas; no mar é o cyclone que faz virar os barcos e as canoinhas, desgovernando os navios.

Quantas vidas se têm perdido nessas horriveis catastrophes !

A atmosphaera, que é esta massa de ar que envolve a Terra, está em continuo movimento produzido por varias causas, entre as quaes figura como principal a differença de temperatura nos diversos logares do globo. No equador, por exemplo, na zona situada entre os tropicos, faz quasi sempre muito calor, ao passo que nos polos o frio é rigoroso.

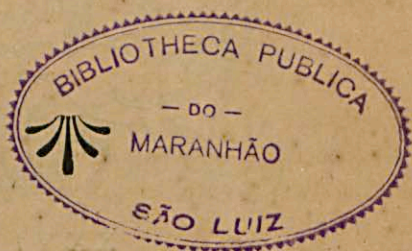
Essas differenças de temperatura, produzindo grandes desequilibrios nas camadas atmosphericas, operam tambem deslocamentos consideraveis.

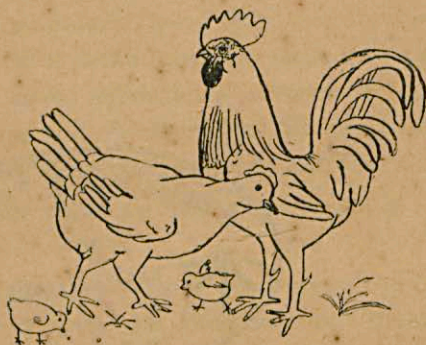
Pela rotação da terra, declinação do sol, disposições dos continentes e pela acção da temperatura elevada em certos logares, effectuam-se constantemente

te sobre a terra mudanças de temperatura. E' assim que a camada de ar em contacto com a terra, e que durante o dia recebeu os raios ardentes do sol, aquece-se, torna-se mais leve, sóbe, e o seu logar é occupadô pelo ar frio que vem das vizinhanças.

Quanto maior é a massa de ar que se eleva, mais rapida é a sua subida, maior e mais ligeira é a corrente que se estabelece.

São, portanto, estas as causas da grande inconstancia que o vento manifesta no seu incessante bafejar.





XXVI

## AS AVES

O estudo das aves foi o assumpto de uma das nossas lições da ultima aula.

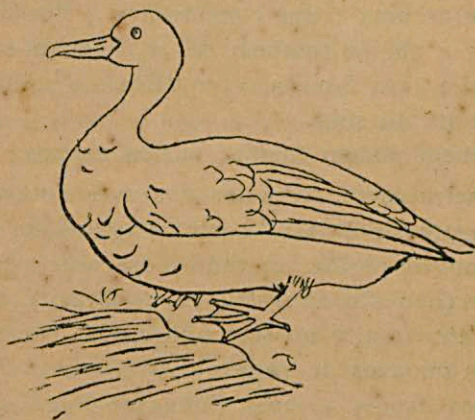
Já nas lições anteriores, tínhamos estudado que os sêres que existem sobre a terra se dividem em animaes, vegetaes e mineraes, o que constitue os reinos da Natureza.

Sobre os animaes já sabemos que são vertebra-



dos os que possuem um arcaboço ou esqueleto interno, isto é, um conjuncto de ossos, tendo como centro ou ponto de apoio um osso comprido e chato chamado a columna vertebral. Os que não têm esta conformação são denominados invertebrados.

Os mammiferos constituem a primeira subdivisão dos vertebrados, e a estes se seguem as aves, os repteis, os peixes e os batraceos ou batrachios.



Auxiliados pela professora, já fizemos as nossas observações sobre os mammiferos, dos quaes conhecemos as principaes ordens. Entre outros, classificámos, por exemplo, o macaco como quadrumano, o morcêgo como cheiroptero, o cavallo, um pachyderme, a phoca, um amphibio, a baleia, um cetaceo, o rato e o coelho, roedores, e o kangurú pertencente ao grupo dos marsupiaes.

Muito mais attrahente, porém, foi o estudo sobre as aves ou animaes da terra e do ar.

Têm todas o corpo coberto de pennas, um bico em vez da boca, e, apesar dos quatro membros que também possuem, podem caminhar sobre dois pés. E' que os membros superiores são transformados em asas, o que lhes dá um terceiro meio de locomoção: o vôo.

Isso conseguem facilmente, pois, com umas pennas muito duras que possuem na asa, comprimem o ar que lhes serve de apoio; além disso têm nos musculos uma força consideravel. Possuindo os ossos ôcos e cheios também de ar, tornam-se muito leves, o que lhes facilita o equilibrio a milhares de metros acima do sólo.

Tambem podem formar varios grupos.

Primeiramente, tratámos das aves notaveis pelo vigor das garras e do bico, como as aguias, os falcões, que habitam as regiões elevadas, os cumes das altas montanhas (não são encontradas no Brasil), o urubú, o gavião, etc., muito nossos conhecidos. São estas as carnivoras ou aves de rapina.

Vimos depois as aves lindas que não attingem grande tamanho, notaveis pela belleza da plumagem e melodia do gorgueio — o sabiá, a patativa, o rouxinol, o canario e outras. São estes os passaros, a vida e o encanto das florestas.

Distinctas pelo bico membranoso na extremidade, como as gallinhas, os perús, as perdizes, o faizão e outras, ha ainda as gallinaceas, que têm, em geral, o vôo curto.

O papagaio, de um verde de folhagem e que facilmente se domestica, aprendendo até a imitar a linguagem humana e o vozear de outros animaes,

a arara, conhecida pelo variado das suas côres, e o periquito, têm todos dois dedos para frente e dois para traz, enquanto as outras têm tres para deante e um para traz.—São as trepadoras.

De pernas compridas, delgadas e dedos finos como a avestruz, que, apesar de ser habitante das regiões africanas, é também nossa, as cegonhas, as garças, os guarás, a saracura, estas ultimas muito communs nos vastos campos do Maranhão, pertencem todas ao elegante grupo das pernaltas.

São palmipedes, finalmente, as aves de dedos compridos, ligados por uma membrana, que lhes facilita a natação. Citam-se, entre outros, o cysne, notavel pela sua corpulencia e pela abundancia e belleza das pennas, o pato, o ganso, o pelicano e o eilder, que habita a Escossia, a Noruega e a Islandia; ha ainda a marreca, muito encontrada também nos nossos campos, principalmente em S. Bento, Vianna e Cajapió, constituindo, assim como o pato selvagem, uma excellente caça.

Falando sobre as riquezas do Brasil, dizem-nos Coelho Netto, o illustre escriptor conterraneo, e Olavo Bilac, num dos seus livros utilissimos feitos de collaboração: «Nos campos pousam as garças contemplativas, e tantas, que de longe parece á gente que um lençol se estende á beira das aguas».

Isto nos disse a professora para avaliarmos a abundancia dessas aves nos campos nortistas.

Em seguida, mostrando-nos que as aves merecem um culto especial como as arvores, disse-nos que em muitos estados do sul, como S. Paulo e

Minas, já se faz também a Festa das Aves. Leu-nos então duas quadras de um dos bellos hymnos allusivos ás aves, letra de Benedicto Octavio :

São lindas joias, multicôres,  
Espaço em fóra a rutilar :  
Graceis nos prados, como as flores,  
Bellas, nos céus, como o luar...

Tambem contentes festejamos,  
Bem como as arvores gentis,  
As meigas aves que ha nos ramos  
Das densas mattas do paiz...

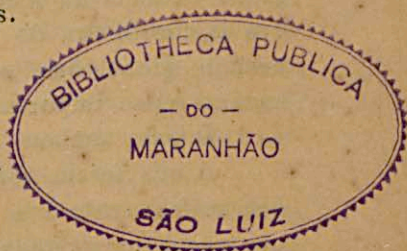
Contou-nos ainda cousas muito interessantes sobre as aves. Ha, por exemplo, nas florestas, uma ave, o João de Barro, que sabe construir o ninho como se fôsse uma cabana, todo de barro; uma, o pica-páu que, com o bico em forma de cinzel, instrumento apropriado, bate o dia inteiro o tronco das arvores; outra, a araponga, cujo vozear se assemelha ao batido do ferro na bigorna—é esta o ferreiro da matta. Ha até as aves dausarinas, como os tangarás. A proposito, deu-nos para lêr estes versos muito engraçados :

Na matta aromal, que é um templo,  
Cheio de sombra e de paz,  
Horas perdidas contemplo,  
Sobre um relvoso tapete,  
Esse engraçado minuête  
Que dansam os tangarás.

Canta um sabiá na espessura  
A merencorea canção,  
Limpo de nuvens fulgura,  
Entre o rendilhado crivo  
Das arvores, o festivo  
Azul de um céu de verão.

E, sob um tecto odorante,  
Se aduna o bando jovial:  
Tem um pennacho o marcante;  
O corrego somnolento  
Murmura o acompanhamento,  
Com trinclidos de crystal.

Na matta umbrosa, que é um templo,  
Cheio da aroma e de paz,  
Horas perdidas contemplo,  
Sobre o tapete de relva,  
A maravilha da selva,  
A dança dos tangarás.



## A AGUA

Já tínhamos estudado que a agua se nos apresenta sob três estados: o solido, o liquido e o gazoso ou em forma de vapor.

No estado solido vimos que produz o gelo que se encontra constantemente no cume das montanhas muito altas, quando é natural. Em muitas das montanhas da cadeia dos Andes, a mais extensa do globo, situada na America do Sul, e grande numero das da cordilheira do Himalaya, a mais elevada tambem do globo, nas terras da Asia, além de outras, encontram-se importantes geleiras.

O gelo tambem pode ser obtido artificialmente.

Ainda fôram objecto da nossa lição a neve que é o resfriamento das nuvens, o granizo, constituido por pequenas agulhas de gelo entrelaçadas em forma de novellos bem unidos, e a saraiva, que é a reunião de globulos de gelo de grossura variavel.

Passámos então ao estudo da agua no estado liquido, em que é mais abundantemente encontrada na superficie da Terra.

Ora a vemos na forma daquellas immensas mas-

sas de agua salgada que cobrem cerca de três quartas partes do globo e são os mares e oceanos; ora são as correntes de agua doce, algumas vezes caudalosas, e são os rios e ribeiros; ainda pode ser doce ou salgada, quase fechada pelas terras que a cercam, e temos os lagos e lagôas.

Em todas essas formas é a agua de grande utilidade nas multiplas operações da vida: serve ao nosso organismo e é a mais saborosa das bebidas quando pura, e forma as estradas liquidas por onde correm as embarcações que estabelecem a communição entre os paizes, os estados e as cidades, constituindo o valioso intercambio commercial e as viagens de recreio ou instructivas.

Ha, porém, as aguas prejudiciaes onde se cria essa classe numerosa de animaezinhos de varias espécies que são os microbios transmissores de innumeras molestias — são estas os pantanos, as aguas paradas ou estagnadas que devem ser evitadas.

Na superficie da Terra não existem aguas rigorosamente puras, pois no seu contacto com os terrenos por onde correm, dissolvem ou arrastam substancias estranhas. E' este o mais perigoso vehiculo de males para o nosso organismo.

Não se deve ingerir a agua sem a necessaria filtração, e, na falta do apparelho proprio para esse fim, deve-se procurar fervê-la, coando-a logo que esfrie convenientemente. Segundo opiniões autorizadas, não ha microbio que resista á alta temperatura da ebulição.

A agua que pode ser utilizada como bebida diaria e que recebe o nome de potavel, deve ser inodo-

ra, isto é, sem cheiro, cozer bem os legumes, dissolver o sabão, não se turvar durante a ebulição ou fervura e deixar pouco residuo quando se evapora.

Para o desenvolvimento do nosso systema osseo, deve conter uma pequena quantidade de saes calcareos.

A agua é necessaria ao organismo, mas não deve ser tomada em excesso; ao contrario, salvo casos extraordinarios, deve ser tomada em horas determinadas e sempre em pequena quantidade.

Beber agua em demasia é uma das causas das dilatações do estomago, que tão funestas consequencias têm produzido. As crianças, sobretudo, não devem tomar muita agua.

Não são potaveis, entre outras, as aguas do mar e de certos lagos que contêm grande porção de chlorurêto da sodio e compostos magnesios, as aguas dos montes em que se encontram detritos vegetaes e animaes.

A agua da chuva, apesar de ser, chimicamente, a mais pura de todas, não é potavel, pois não apresenta todas as qualidades necessarias á alimentação. Falta-lhe, por exemplo, a presença do ar que torna a agua de facil digestão, e é destituida da pequena porção de saes terrosos que servem para a reparação das partes calcareas do nosso tecido. Pode, porém, ser tomada sem inconveniente, mas a sua captação deve ser feita com muito cuidado, não da beira dos telhados, por exemplo, de onde vem contaminada de detritos animaes.



## A PATRIA

Não revela bons sentimentos, nobre e grande alma aquelle que, por julgar a sua terra berço humilde e pequenina não a procurar engrandecer e elevar, tornando-se-lhe util um dia. Isto nos disse a professora ao começar hoje a nossa lição de Instrucção Civica.

Continuando, falou assim :

O nosso Estado, o Maranhão, que devemos amar com fervor e carinho, faz parte da Federação Brasileira, nosso paiz é o Brasil.

Pois bem, neste paiz de riquezas innumeradas, onde está a terra em que nascestes, onde sereis felizes si souberdes amar a vida e aproveitar pelo estudo o que ella vos prodigalizar, nasceram tambem vossos paes e irmãozinhos, a quem idolatraes; nasceram e vivem quasi todos os vossos amigos, os companheiros de estudo e de folguedos. Nelle crescereis, ireis trabalhar para um dia serdes cidadãos, honrados e respeitados, tereis todos os gozos que a vida vos proporcionar, sereis em tudo venturosos.

Este paiz é a nossa Patria.

Amae-o e venerae-o, crianças, como o veneram e amam todos os que, educados nos são principios da moral e da justiça, só procuram pelo trabalho honrar e engrandecer o formoso nome do Brasil.

Para que aprendaes a cultuar a vossa Patria, trouxe sempre impressa nalma a vibrante exhortação do poeta Olavo Bilac, aquelle espirito de escól, patriota extremado e amigo incondicional das crianças, a quem dedicou o melhor de seu talento.

Elle assim diz : “Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste !”

Mas não só á nossa Patria devemos esse sentimento de carinho respeitoso, que é o traço distinctivo do homem de character, digno de possuir o honroso titulo de cidadão.

O nosso, como os outros paizes, faz parte deste vasto e rico planeta ou mundo em que habitamos : nelle todos têm o mesmo direito á vida. Socialmente, devemos representar sobre a terra uma só familia unida e forte, e, tendo por divisa o labaro da paz e da bonança, trabalhar para a conquista do sublime ideal da fraternidade universal.

Na escola, que é a continuuação do lar, deveis ver em cada colleguinha um irmão, um amigo, a quem deveis querer muito e nunca desprezar por mais pobre e humilde que seja a sua condição.

Da mesma forma, as crianças de todas as outras escolas da nossa cidade, do nosso estado, do nosso paiz e do mundo inteiro devem interessar-vos vivamente e nunca vos inspirar um gesto de orgulho e desamor, sentimentos que são ainda hoje a causa dos

grandes males que affligem os homens de todas as nações.

“Imita na grandeza a terra em que nasceste !”

É a phrase final do poeta, de quem vos falei, na sua inspirada poesia “A Patria”.

Amando extremadamente a vossa Patria, enlaçae nesse affecto dignificante todas as grandes Patrias do Universo.

Cumprireis assim um dos mais santos deveres da caridade christã, pois somente no dia em que os povos de todas as nações olharem o Universo como a sua patria commum, é que poderá haver felicidade completa sobre a terra.



## PRAIAS MARANHENSES

Apresentou-nos hoje a professora uma nova carta da ilha do Maranhão, levantada pelo engenheiro geographo Dr. Abranches de Moura.

Mostrando-nos o delineamento da costa maranhense, falou-nos sobre a belleza natural das praias que contornam a ilha nos vastos logares constantemente batidos pelo Atlantico, oceano que banha todo o littoral brasileiro, do Pará ao Rio Grande do Sul.

Somente quatro estados do nosso paiz -- Amazonas, Matto-Grosso, Goyaz e Minas Geraes, não recebem as vagas atlanticas, sendo por isso considerados centraes.

Fronteira á rampa de desembarque, que é o ponto inicial da cidade de S. Luis, vê-se uma ponta de terra que elegantemente avança para a bahia de S. Marcos, quase na embocadura dos braços de mar Anil e Bacanga que banham a cidade : é a Ponta da Areia,

onde existem as ruínas de um antigo forte que defendia a capital do nosso Estado.

Vêm-se ahi montes de areia alvissima, que se vão estendendo quase gradualmente por todo o littoral, deslumbrando a vista pelo variado da forma e belleza do panorama—são as dunas que em alguns pontos attingem altura consideravel.

Contornando a ponta da Areia, na região oceanica, avista-se logo a costa de S. Marcos, onde se acha o Pharol do mesmo nome, ha pouco tempo reformado, apresentando lampejos intermitentes. A seguir encontra-se a bellissima praia do Calháu, cujo nome talvez lhe venha das pedras immensas e numerosas que a pontilham em grande extensão. Defronte das altas dunas notam-se elevados rochedos, ora cheios de grutas ou excavações naturaes, ora cobertos de vegetação, ou completamente escarpados e lodosos.

Adeante do Calháu, descortina-se uma das mais lindas paisagens do Brasil—a magnifica praia do Olho d'Agua, cuja vastidão empolga o espirito e onde á alvorada das dunas e ao pardacento dos rochedos casa-se o verde alegre das plantinhas que ali crescem viçosamente.

E' um dos pontos preferidos pelos veranistas, não só pela amenidade do clima e salubridade do logar, como pela excellencia dos banhos de mar sempre recommendados como um dos melhores tonicos.

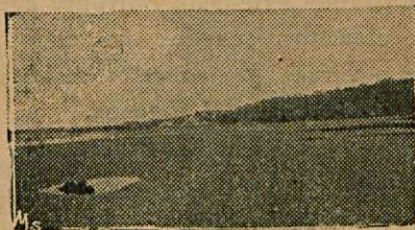
Depois desta vêm ainda as praias de Jaguarema, Olho do Porco e Araçagy, e em todas ha sempre o esmero soberano da Natureza.

No Olho d'Agua, além das modestas construcções

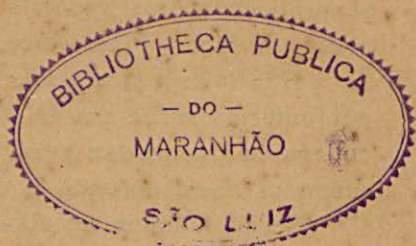
provisórias que tem feito o activo proprietario da maior extensão de terreno, encontra-se ainda em começo uma pequena capella, e já preparada a Estação do Cabo Submarino, um dos ultimos melhoramentos introduzidos no nosso Estado. Pela situação em que se acha, é esta Estação a mais importante da America do Sul.

Ha do outro lado da Ilha a Bahia de S. José, banhando a villa do mesmo nome, onde se ergue a elegante ermida de S. José de Ribamar.

E' tambem esta villa um ponto muito procurado para recreio e repouso nas férias escolares.



Vista geral da praia do Olho d'Agua



XXX

## A HYPOCRISIA E A CALUMNIA

Soube ontem a professora que entre os alumnos tem havido aborrecimentos occasionados por questões futeis entre alguns.

Isto é muito feio, disse-nos, e não quero que os alumnos que devem ser sempre unidos, como os verdadeiros amigos, tenham a menor sombra de resentimento e, de mais, as desavenças entre collegas, além de trazerem consequencias ás vezes bem desagradaveis, entristecem os mestres e perturbam a bôa marcha dos trabalhos escolares.

Para que haja progresso nos estudos como em todos os deveres, somente a ordem deve presidir aos nossos actos, como a firmeza se exige em todas as resoluções.

Já sei o que motivou a desunião, e, como espero que nunca mais se repitam acções tão incorrectas, vou dar como dictado do dia algumas considerações mui acertadas.

— O que manifesta qualidades que não possui é

um hypocrita. Mentir para esconder a má acção que se praticou é uma hypocrisia, defeito tão desprezível como a delação, a maledicencia e a calumnia.

Não fales a ninguem sobre as faltas commettidas por outrem : serias um delator. Si souberes que algum collega não procedeu bem, procura corrigi-lo, dá-lhe exemplos bons, mas não o denunciés.

Serias tambem semelhante ao maldizente que só se occupa dos defeitos alheios, dos quaes faz assumpto predilecto das suas conversações.

A maledicencia é um feio e asqueroso vicio.

E sabes qual é o fim do maldizente ? Tornar-se calumniador,

Calumniar é accusar alguem de uma acção má que não tenha praticado.

E' uma infamia fazer accusações falsas. O calumniador é tão desprezível como o delator e o hypocrita. Afastemó-nos da sua companhia.





XXXI

## REVISÃO SEMANAL

Estamos quasi no ultimo periodo escolar.

No começo do segundo semestre realizou-se o nosso festival annual, um dos encantos da criança, não só das que nelle tomam parte como das que apenas prestam o seu concurso apreciando os colleguinhas.

Desempenhou-se, como sempre, um programma variado e attrahente, que, como todos os annos, logrou mui elogiosas referencias.

A assistencia foi numerosa: tambem uma semana antes da festa é tão grande o empenho para obter ingressos, que á nossa directora é quase impossivel a todos attender.

As festas escolares, já nos têm dito os professores varias vezes, são excellentes meios de cultura moral e intellectual, e, como a escola é a sociedade em miniatura, na qual essa educação é indispensavel, deve,

para preencher todos os fins a que se destina, promover sempre essas reuniões, que são como instructivos torneios do espirito.

Approximam-se agora os exames.

E' preciso que se comecem as revisões das lições dadas durante o anno.

Nas aulas adiantadas os professores determinam provas escriptas semanaes de todas as materias, ha provas oraes com assistentes estranhos ao collegio, e até as nossas classes já se movimentam nesses preparativos.

Hoje, por exemplo, recordámos um dos pontos de Historia Patria, que nos foi explicado numa das aulas do começo do anno—Os governadores geraes.

Um dos meninos, interrogado pela professora, falou sobre Thomé de Sousa, o primeiro governador, enaltecendo os serviços que prestou ao Brasil, não só na fundação da cidade do Salvador, capital da Bahia, como no desenvolvimento da lavoura, industria e commercio.

Com elle vieram para o nosso paiz alguns jesuitas ou padres da Companhia de Jesus, os quaes, chefiados pelo Padre Manoel da Nobrega, aqui fundaram a primeira escola e muito auxiliaram o governador na catechese ou instrucção dos selvagens.

Falou uma das alumnas sobre Duarte da Costa, o segundo governador, que não foi feliz como o seu antecessor, pois no seu governo, além de outros factos lamentaveis, houve um levantamento dos indios que atacaram muitos colonos, e a invasão dos fran-

ceses no Rio de Janeiro, os quaes desejavam apoderar-se da nossa terra.

Foi preciso, disse outro alumno interrogado, muita energia e tactica do terceiro governador Mem de Sá, para conseguir a expulsão dos invasores.

Nesse trabalho foi poderosamente auxiliado por seu sobrinho Estacio de Sá que veio de Portugal commandando alguns navios, ainda pelos jesuitas e por varias tribus de indigenas.

No combate em que havia de um lado Mem de Sá e os bravos companheiros, e do outro, os franceses e os indigenas seus aliados, Estacio de Sá perdeu a vida, ferido no rosto por uma setta envenenada. Deve-se-lhe a fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no dia em que se commemora a festa daquelle santo, a 20 de janeiro.

Ao contrario do que succedera a Duarte da Costa, gosava o Brasil relativa calma e prosperidade, quando Mem de Sá deixou o governo.

Interrogando ainda os alumnos sobre a acção dos jesuitas nessa phase que atravessava o paiz, falou sobre José de Anchieta, considerado o apostolo do Brasil, pois muitos e relevantes fôram os seus serviços nessas regiões incultas da America do Sul.

Veio Anchieta com Duarte da Costa, acompanhando-o ainda outros jesuitas, e todos grandemente concorreram para a conversão dos selvagens.

Por elles foi fundada em terras de S. Paulo a segunda escola do Brasil.

Brevemente, disse-nos a professora, vamos realizar umas sessões em que tomarão parte os alumnos

de todas as classes primarias e cada um lerá ou recitará produções de autores maranhenses.

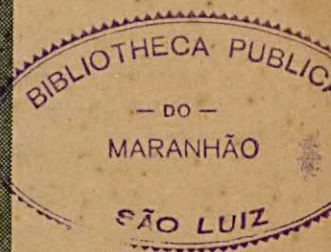
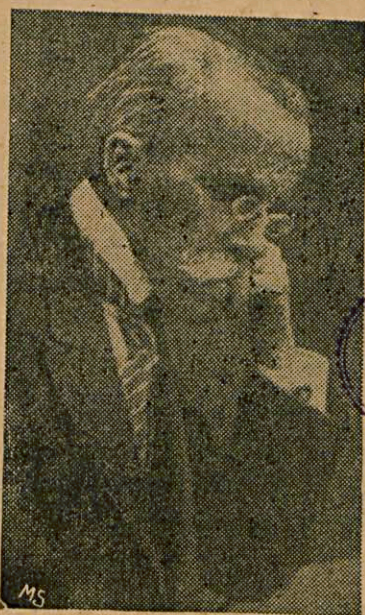
Prometteu-nos para amanhã a necessaria distribuição.

Ficámos contentissimos com essa noticia. Iremos conhecer os homens de valor que tão bem já elevaram o nome do Maranhão, e eu estou ansiosa por saber qual dos nossos illustres conterraneos terei de interpretar.



XXXII

RUY BARBOSA



—Sabem os meninos quem foi Ruy Barbosa? foi a pergunta com que começou hoje a professora a nossa lição de Instrução Cívica.

—Foi o homem extraordinario, o homem prodigio, honra e orgulho de um povo inteiro e a maior gloria que o Brasil já possuiu.

Patriota extremado e convicto, nunca recusou o seu apoio a qualquer causa justa, e os opprimidos e desprotegidos da fortuna e dos poderosos sempre nelle encontraram altivo e nobre defensor.

Era filho da Bahia. Falleceu em março de 1923 com 75 annos, cerca de sessenta dos quaes inteiramente devotados á causa do Direito e da Justiça.

Deixou uma série quase innumeravel de livros publicados, e muitos delles traduzidos em varias linguas, já o consagraram mundialmente.

Para que façam um pequeno juizo do que foi essa privilegiada e culta intelligencia, disse ella, faremos agora uma leitura de dois trechos dos muitos dos seus notaveis discursos.

Lendo, dava-nos a explicação de todas as palavras, auxiliando-nos ao mesmo tempo a bem interpretar todas as phrases.

Do discurso “Pelos escravos” :

“Vêde a folhagem risonha do laranjal. De dia é toda oxygenio, que aviventa e perfumes inoffensivos; de noite, sob essas exhalações balsamicas, insinua-se o carbono que asphyxia.

“Assim o homem.

“Banhado nas aguas luminosas da liberdade, fertilizará o globo.

“Reduzido, na oppressão, ás trevas, encherá de morte em derredor a atmosphera empobrecida.

“Ha nada mais innocente que o lirio amavel dos valles ?

“Entretanto, povoae delles, á tardinha, a alcova, e bem pode ser que não accordeis mais.

“Tambem no escravo está deposto o germe fragrante da virtude. Por que é, pois, que a sua convivencia nos empesta o ambiente do lar ?

“Leitores, restitui os coitados ao ar livre, e a sua vizinhança já não vos ha de aterrar como o pantano estagnado : desprofanareis o santuario do amor conjugal; restaurareis a obra divina; expiareis o nosso attentado”.

Do discurso “Em missa campal” :

“Mas, quando se começam a escutar as vozes interiores, Deus está presente. Vossa fé o evocou, erguendo este altar, chamando estes sacerdotes, elevando, sob o azul desta abobada infinita ao sol quase ao pino do meio dia, entre as turbas prostradas em adoração a hostia consagrada. Que homem se atreveria mais a falar em si mesmo diante desse espectáculo divino ?

“A pedra da ara ainda estremece ao milagre da consubstanciação, visivel aos crentes. O sussurro das preces ainda se vac exhalando lentamente na atmosphera. Os corações ainda estão de joelhos. A mesa do sacrificio incruento ainda está posta. O pae de todos nós, que, pouco ha, baixava no meio de seus filhos, ainda se não ausentou dentre elles. A impressão de sua visita ainda palpita no ambiente. A sua imagem cresce nos raios solares, enchendo o espaço, o mundo, o infinito. Nenhuma grandeza criada lhe pode tomar a claridade. Onde Elle se mostrou, onde surgiu, onde

se percebe, não existe nada mais senão Elle, Elle o que só é grande, Elle o que só é sabio, Elle o que só é justo, Elle o que só é bom, Elle o que só é bello, Elle o que só é forte, Elle o que só é glorioso”.

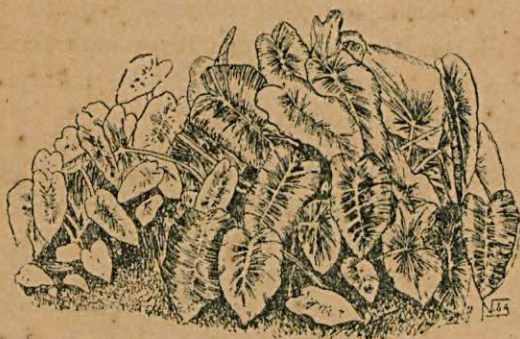
Ruy Barbosa é um genio !

Glorifiquemos a memoria de todos os que, como esse cerebro vibrante e incomparavel, souberam pelo estudo proclamar tão alto o nome do Brasil !

Que todos se curvem reverentes ao simples evocar do seu glorioso nome !







XXXIII

## A FOLHA

Assim como a totalidade dos animaes de um paiz recebe o nome de fauna, chama-se flora o conjuncto das espécies vegetaes que nelle vivem naturalmente.

Isso aprendemos ao fazer hoje a revisão de uma das lições sobre os vegetaes.

Sabemos tambem que são indigenas as plantas proprias de um paiz e exoticas as que são transplantedas, isto é, que vêm de outros logares, de outros climas para o paiz onde vivem aquellas. A mangueira e o cafeeiro, por exemplo, são no Brasil plantas exoti-

cas, mas de tal forma se aclimaram e tão prodigiosamente aqui se desenvolveram, que se confundem com os vegetaes indigenas.

As plantas, qualquer que seja a sua espécie, são sêres utilísimos : dellas extrahimos o polvilho, a araruta, o assucar, os vinhos, os perfumes, a borracha, as gommias e resinas, espécies de cêra, materias gordurosas e oleosas, de sođa, potassa, iodo, tinta e sabão; de muitas tiramos ainda fibras para tecer, para fabricar papel, coberturas para casas, materia prima para cestos, peneiras etc.

E as madeiras de construcção e as innumerias plantas medicinaes? São ferteis as terras brasileiras, sobretudo o vastissimo sertão nortista, onde se encontram as nossas plagas maranhenses, nessas prodigiosas espécies que tudo produzem em abundancia.

Um dos alumnos presenteou hoje a professora com uma linda folha de um verde brilhante e que encontrára em uma das praças em que costuma passar.

Aproveitando essa offerta, e como em aulas anteriores já tinhamos falado sobre a raiz e o caule, disse-nos a mestra ser a folha o orgam mais importante do vegetal.

Expansões lateraes do caule, ordinariamente de côr verde e forma achatada, são as folhas os agentes principaes da respiração, da absorpção e da exhalação nos vegetaes. Absorvem os gazes necessarios á nutrição da planta e contribuem para a elaboraçao da seiva, pela evaporação da agua que esta contém em excesso.

A seiva é o principio vital da planta, como o

sangue é o dos animaes. Circula nos orgams do vegetal, como o sangue em todas as partes do nosso corpo.



E' a folha que, modificando-se, pode produzir muitos e variados orgams, taes como as diferentes partes da flôr, as pequenas escamas que envolvem os gomos, as que se encontram nas bases das folhas e muitas outras partes.

As folhas propriamente ditas são orgams da respiração das plantas; as folhas da flôr são os da fructificação.

As formas que apresentam são tão lindas e variadas que é um encanto admirar as bellas frondes das arvores ou os elegantes galhos dos arbustos. E por mais densa que seja a matta ou mais deslumbrante o jardim, não se encontram duas folhas que se assemelhem inteiramente.

As folhas de alguns vegetaes, devido a causas puramente exteriores, e entre outras a ausencia ou presença da luz, as variações da temperatura e a humidade do ar, são susceptiveis de executar movimentos. Quando anoitece, os rebentos do tamarineiro do-  
bram-se sobre o talo que os sustenta, e levantam-se, abrindo-se de novo quando amanhece: é uma das mais interessantes influencias da luz. Os foliolos da sensitiva, aquella plantinha rasteira, um pouco espinhosa, que as crianças muito apreciam pela particularidade de que são dotadas, contraem-se e deitam-se assim que se lhes toque: são um exemplo da sensibilidade nos vegetaes.

Ha uma planta, a dioneia ou apanha-moscas, que, tendo as folhas cobertas de espinhos, prende os insectos, sobretudo as moscas que incautamente nelas pousem. São plantas carnivoras e é um triste espectáculo presenciar esse facto. Vê-se o animalzinho pousar em uma dessas folhas, e esta, dobrando-se ao meio, assim fica até que o insecto morra ou deixe de mover-se.

As folhas não são, portanto, nas arvores e em todas as demais plantas, objectos de puro adorno, mas representam um papel importantissimo na sua existencia.

## DOIS GRANDES VULTOS MARANHENSES

Assignala hoje o calendario o dia 4 de outubro.

As aulas terminaram mais cedo. Disse-nos a directora que assim terminára em homenagem a um dos mais dignos e illustres filhos do Maranhão, o Dr. Benedicto Pereira Leite, cujo anniversario natalicio nesse dia se commemorava.

Aproveitando a passagem dessa data, falou-nos a professora, como o fizeram tambem as das outras classes, sobre a personalidade sympathica daquelle maranhense, que, durante a sua vida, infelizmente pouco duradoura, muito se dedicou aos interesses de sua terra natal, não só como senador, posição que occupou durante varios annos, mas ainda como governador que era do nosso Estado, quando a morte o veio colher.

Antes de ser eleito senador, occupou varios cargos importantes, sendo successivamente promotor publico da comarca do Brejo, juiz municipal e de orphans dos termos de Barreirinhas, Itapecurú e Co-roatá.

Proclamada a Republica, foi pelo Dr. José Tho-

maz da Porciuncula nomeado Inspector do Thesouro Publico do Estado, servindo tambem com os governadores Manoel Ignacio Belfort Vieira, Augusto O. Gomes de Castro, Tarquinio Lopes, José Vianna Vaz e Lourenço de Sá, mantendo sempre a mais rigorosa independencia e altivez.

Foi deputado Estadual e Federal, e neste cargo se conservou por varias legislaturas, só abandonando a Camara quando foi eleito senador. (1)

Pela instrucção, sobretudo, empregou o melhor do seu trabalho e, si mais não conseguiu, foi por se ver prostrado, ainda em plena actividade, por molestia cruel e traiçoeira.

Falleceu no dia 6 de março de 1909, deixando, entre outros serviços prestados á causa nobre do ensino, a remodelação da Escola Normal, estabelecimento que sempre lhe mereceu especial cuidado, a fundação da Escola onde faziam o tirocinio os alumnos daquelle curso e que com toda a justiça recebeu o titulo de Escola Modelo "Benedicto Leite", hoje um elegante predio situado á rua Cel. Collares Moreira, fronteiro á Igreja de S. João.

Foram ainda de sua iniciativa—a fundação da Bibliotheca Publica, da Repartição de Estatística, do Registro Civil, do Corpo de Bombeiros e da Imprensa Official.

---

(1) Todas estas notas relativas ao Dr. Benedicto Leite nos foram fornecidas pelo illustre historiographo prof. José Ribeiro do Amaral.

Falando na brilhante acção de Benedicto Leite, na parte referente aos assumptos escolares, não se pode deixar de salientar a figura relevante de Almir Nina, illustre medico, cujo talento e actividade estavam sempre postos ao serviço dessas causas.

Foi auxiliar poderosissimo de Benedicto Leite, por quem foi mesmo encarregado de reformar as nossas escolas.

Morreu tambem em pleno viço da sua intelligencia, mas as sementes que lançou já produziram bellos frutos.

Devemos sempre prestar homenagem de veneração e respeito a todos os que, engrandecendo a Patria, trabalham assim pela sua terra berço.

A estatua de Benedicto Leite magestosamente erecta na parte central da praça que o nome lhe conserva, é bem um attestado do muito que lhe devem os maranhenses.



## ALGUNS DEVERES DE CIVILIDADE

Já estamos a terminar os nossos estudos deste anno, disse-nos a mestra, e ainda não falámos sobre um assumpto importante e que a todos interessa grandemente—algumas noções de civilidade, indispensaveis a todas as pessôas que se querem tornar bêm educadas.

Deu-nos a ler, então, commentando minuciosamente, algumas phrases de uma distincta escriptora francêsa.

São estas :

“Pela sua superioridade intellectual, pelo seu valor profissional e pela autoridade que lhe é concedida pelos paes dos seus discipulos, o professor tem o direito de ser respeitado.

A melhor maneira de testemunhar respeito pelo professor é mostrar-se attento a todas as suas explicações e procurar saber sempre bem as lições.



O menino não deve fazer esperar o professor, mas, quando por excepção tenha de fazê-lo, deve, em seguida, desculpar-se delicadamente.

Deve ouvir com attenção as palavras do professor. Não brincar nem mostrar-se distraído enquanto elle fala. Essa distracção será considerada como falta de respeito e melindrará o mestre.

Deve apresentar-se sempre com correcção perante todos, principalmente o seu professor, quer na escola ou em casa.

A pobreza não impede a decencia e não pode servir de desculpa para as crianças se apresentarem rôtas ou com o trajo incompleto, nem manifestando desasseio.

É gentil e delicado escrever ao professor durante as férias. Prova assim o discipulo o seu affecto e a sua deferencia por aquelle a quem deve o saber.

A criança deve ser meiga, franca e respeitosa para com os paes. De manhã, ao vê-los, deve beija-los, e dar-lhes os bons dias, e á noite não se deve retirar sem lhes dar as boas noites e sem com elles trocar uma palavra affectuosa. Este habito nunca se deve perder.

Aos avós deve a criança o mesmo carinho e respeito que aos seus paes, e para com os seus irmãos deve ser meiga e affectuosa, nunca os accusando, antes procurando desculpá-los”

Deu-nos ainda a bôa mestra bons conselhos, incitando-nos a segui-los rigorosamente, afim de nos tornarmos sempre queridos e respeitados.

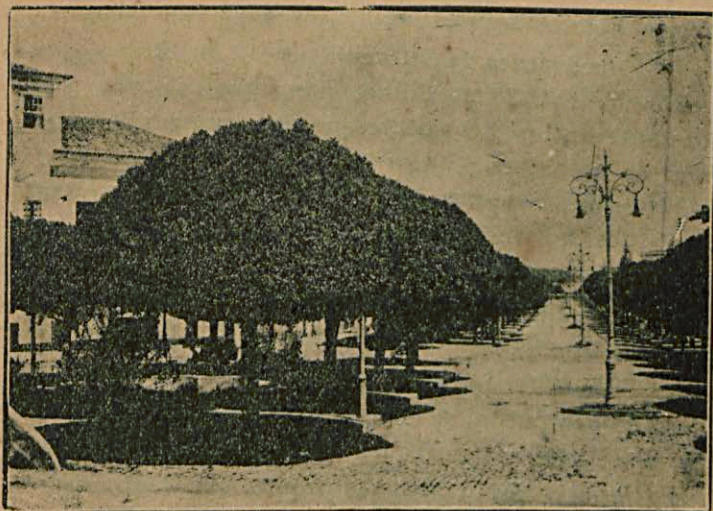
Disse-nos, por exemplo, que nunca se deve, por

inadvertencia ou maldade, riscar, furar ou de qualquer forma procurar estragar qualquer objecto, principalmente do mobiliario, da escola ou da nossa casa, nem consentir que os outros o façam. Revelará o que assim proceder os mesmos instinctos máus do verdadeiro autor do máu feito.

O menino que escreve nas paredes ou as risca, mostra ter a alma semelhante a um pantano, de onde só saem impurezas ou exhalações pestilenciaes.

Promettemos a nós mesmos, pois a nossa propria dignidade isso nos impõe, cumprir todos esses salutaes deveres, sobre os quaes assentam as verdadeiras bases da Moral, como nos disse tambem a professora.





XXXVI

## PASSEIO INSTRUCTIVO

Como faz algumas vezes, levou ontem a profesora as alumnas internas a um passeio por uma das praças da cidade.

Desta vez escolheu a Avenida Maranhense, hoje, Avenida Pedro II, onde se acham a nossa Cathedral Metropolitana, o Palacio Archiepiscopal, o Palacio Presidencial, a séde da Prefeitura, a Delegacia Fiscal, os Telegraphos Nacional e Submarino, a Repartição dos Correios, a Capitania do Porto, e as Agencias do Lloyd Brasileiro e Nacional. Ahi tambem se vêem varias casas commerciaes e muitas particulares, algumas, hoje, elegantes predios de aspecto moderno.

Pouco antes de entrar na praça, no ultimo quarteirão da rua 28 de Julho, passámos por uma casa bastante antiga, de aspecto que conserva vestigios dos tempos coloniaes.

Aqui, disse-nos a professora, foi outr'ora o palacio dos hollandeses, pois, como sabem, estes estrangeiros, quando o Brasil estava sob o dominio da Espanha, andavam conquistando varios pontos do nosso paiz. Tentaram apossar-se da Bahia e de Pernambuco, vindo tambem estabelecer-se no Maranhão.

Pouco durou, porém, esse dominio em nossa terra, pois, apesar da fraqueza do governador, que era nesse tempo Bento Maciel Parente, que nenhuma resistencia tentou, foram elles expulsos pelos proprios habitantes.

Travaram-se dois combates.

No primeiro, chefiava o movimento libertador o bravo Antonio Muniz Barreiros, dirigindo o segundo o não menos intrepido Antonio Teixeira de Mello.

Quando passarem ali no Convento do Carmo situado junto á igreja do mesmo nome, na praça João Lisbôa, recordem-se sempre desses combates, pois

foi nesses logar travado um dos mais violentos. Dois outros, como já tive occasião de dizer, travaram-se no Oiteiro da Cruz, um dos apraziveis suburbios da nossa cidade, e aquelle marco de pedra encimado por uma cruz, que naquelle local se vê, é justamente o que assignala esses combates.

Não esqueçam todos, quando por lá passarem, de curvar-se sempre com respeito, pois ali ficaram sepultados muitos dos nossos bravos e heroicos salvadores.

Voltaremos no proximo domingo, disse-nos a professora, depois que haviamos dado varias voltas pela Avenida, pois desejo que saibam mais alguma coisa desta praça, muito relacionada com a nossa historia.





### XXXVII

De accordo com o que dissera a professora, continuámos o nosso passeio domiical.

Ao chegarmos á Avenida Pedro II, depois de admirar, da escadaria do Paço do Arcebisnado, aquelle lindo arruado de figueiras, tão copadas e symetricas, descemos até á avenida que fica fronteira á séde da Prefeitura.

Ahi observámos o monumento ultimamente erecto para commemorar a fundação da cidade de S. Luis, a sympathica capital do nosso Estado.

Foi a 8 de setembro de 1612, explicou-nos a pro-

fessora, que o francês La Ravardière, commissionado pelo governo do seu paiz, aqui veio estabelecer uma colonia.

Assim aconteceu, porque, tendo os donatarios da nossa terra soffrido terrivel desastre, deixou-a a metropole por longos annos no mais completo abandono. A metropole do Brasil era nesse tempo Portugal.

Antes de La Ravardière já aqui tinham vindo outros Franceses e foram elles que, encarecendo ao rei de França a excellencia e belleza desta terra, incitaram a arrojada empresa do seu compatriota.

O fundador da cidade apenas aqui permaneceu três annos. Foi com a sua gente repellido por Alexandre de Moura e Jeronymo de Albuquerque. Continuou este, então, como capitão-mór a edificação da cidade.

O nome de S. Luis foi dado pelo seu fundador em honra ao rei de França, de quem era subdito.

Como o outro, foi esse um passeio alegre e instructivo e d'elle trouxemos impressão tão grata que nos vamos esforçar muito para nunca os perder. E para isso é preciso apenas que tenhamos sempre boas notas, não só no proveito como no comportamento.



XXXVIII

PEDRO II

Nos ultimos dias de aula avisou-nos a profes-  
sora que a 2 de dezembro seria commemorado o pri-  
meiro centenario do nascimento de um grande brasi-  
leiro, o inolvidavel imperador Pedro II. Disse-nos que  
estavam projectadas imponentes festas para assignalar



a passagem dessa data que nunca deveria ser esquecida pelos filhos do Brasil, seus conterraneos, a quem elle extremosamente amára.

Foi com grande enthusiasmo que assistimos a quase todas as commemorações, e numa dellas, dedicada ás crianças, especialmente, ouvimos uma prelecção sobre o personagem illustre que era nesse dia lembrado. Muitos trechos de bôa lição que aprendemos nunca me sahiram da memoria, e, como desejo que os colleguinhas que não poderam comparecer a essa encantadora sessão, saibam tambem o que muito nos agradou ouvir, reproduzirei alguns dos mais instructivos.

Falaram-nos assim ao começar :

Um seculo se completa hoje que em formoso e vastissimo paiz, formoso pelo fulgor exuberante de suas mattas, pela riqueza incomparavel de seu sólo, cheio de rios que o fertilizam, cada qual mais grandioso, de agua mais limpida e mais pura, nascia a criança predestinada a dirigi-lo por longos e dilatados lustros.

E como si ao esplendor da natureza se viessem reunir as maravilhas de Deus, que são as virtudes que florescem no coração dos homens, cresceu forte, bemquisto e virtuoso o menino que bem cedo seria o governante estimado de um grande e heroico povo.

Era esse paiz o Brasil, e o imperador—Pedro II.

Falar da figura magestosa do segundo imperador é erigir em cada coração de brasileiro, sobretudo na alma e no coração das crianças, um altar de immorredoura gratidão pelo muito de beneficios que nos legou.

O culto aos grandes homens, áquelles que, pelo seu talento, pela applicação aos estudos votados sempre ao bem estar e desenvolvimento da terra em que nasceram, se tornaram dignos de admiração e apreço, é a maior e a mais extremada manifestação de patriotismo de um povo.

Procurar engrandecer-se pelo cumprimento do dever e a pratica constante de meritorias acções, pelo amor ao estudo, pela curiosidade de saber e apreender muito, á imitação daquelles que assim fizeram em épocas anteriores, é o unico meio efficaz de cimentar no espirito a fortaleza de animo para os inevitaveis trabalhos da vida.

E quem melhor do que Pedro II poderá servir de exemplo ás crianças de ontem como ás de hoje, aos moços da nova geração como aos velhinhos de amanhã?

Dizei e proclamae por toda parte, e dizei-o com desassombrado orgulho, que dos homens, que em todas as épocas tão bem têm sabido elevar o nome do Brasil, nenhum é mais digno talvez da veneração de um povo inteiro, do que o soberano desthronado.

Ruy Barbosa, o Barão do Rio Branco, os dois sóes cujo brilho não se apagará jamais da memoria de todos desta terra de Santa Cruz, fôram os maiores admiradores do espirito justiceiro, altivo e nobre do velho imperador. Cultuando-os tambem com entusiasmo e orgulho, rendereis ao vulto magnanimo do homenageado de hoje o maior preito de admiração, do mesmo passo que dareis a mais completa prova de civismo.

Filho de Pedro I, a quem se deve o gesto patriótico para a separação do Brasil de Portugal, e da princeza D. Leopoldina, viu-se bem cedo Pedro de Alcantara orpham de paes, sendo que a sua infortunada genitora que foi a primeira em separar-se delle, deixou-o com um anno apenas.

Ao terminar a lição que foi longa e convincente, disseram-nos enthusasticamente :

Crianças do Maranhão, de cujo talento e intelligencia tudo espera o Brasil, não olvideis jamais os grandes vultos que têm sabido honrar e engrandecer a Patria bemquerida, e pelo culto que lhes deveis sempre votar, honrae e engrandececi a memoria daquelle que foi Pedro II !



## XXXIX

Proseguimos hoje as revisões semanaes. Estudámos outro ponto da nossa Historia Patria tão cheia de episodios quão fertil em heroicos feitos.

Tratámos ainda dos obscuros tempos precolloniaes, pois não é justo que saibamos os factos notaveis e progressistas dos tempos modernos e desconheçamos quase as origens da nossa formação historica.

Coube a uma das colleguinhas da classe falar summariamente sobre o papel de Christovam Jacques e Martim Affonso de Sousa, na parte relativa ás explorações em nossa terra, cerca de vinte e três annos depois do seu descobrimento.

Morto D. Manoel, rei de Portugal, disse ella, succedeu-lhe no throno seu filho D. João III.

Recebendo este novo soberano de um seu embaixador em França a noticia de que naquelle paiz se estavam equipando alguns navios com destino ao Brasil, mandou apparelhar um navio e cinco caravellas,

ordenando que, com essa esquadilha, sahisse Christovam Jacques para perseguir o mesmo e aprisionar os ousados traficantes.

Partiu o enviado, e, no mesmo anno, fundeando em um canal que separa a ilha de Itamaracá do continente brasileiro, deu logo principio a uma feitoria á margem do rio Iguaçu.

Seguiu depois para o sul até o Rio da Prata. Regressando, encontrou na Bahia de Todos os Santos, Estado da Bahia, três náus francesas. Metteu-as a pique, aprisionando as tripulações. Continuou a viagem sempre littoranea, demandando, emfim, em largo afastamento as plagas portuguezas.

Estava finda a sua missão.

Empenhado em dar começo á colonização do Brasil, D. João III fez armar uma esquadra em que havia varias náus e caravellas, além de um galeão. Nelles embarcaram cerca de quatrocentas pessoas, entre as quaes se viam familias inteiras, assumindo o commando da expedição o portuguez Martim Affonso de Sousa.

Investido pelo rei de poderes quase illimitados, vinha elle encarregado de reger a colonia, que logo devia fundar, de tomar posse de todas as terras que estivessem dentro da supposta linha demarcada e de conceder aos colonos terras de sesmaria. Têm este nome os terrenos incultos ou abandonados, tambem chamados maninhos.

Velejando em direcção ao littoral brasileiro, avistou Martim Affonso de Sousa o cabo de Sto. Agostinho, nas alturas de Pernambuco.

Nesse ponto encontrou três náus francesas, apresando-as.

Entrando na bahia de Todos os Santos, ahi foi cordialmente recebido por Diogo Alvares Corrêa e pelos principaes chefes dos selvícolas.

Diogo Alvares, como ha muito nos fôra já explicado, foi o astucioso português, protagonista daquella famosa historia do Caramurú.

Conta-se que, cubiçando tambem Diogo Alvares as prodigiosas terras brasileiras, para ellas velejou em companhia de não menos afoitos compatriotas.

Victimas de um naufragio nas costas bahianas, ahi foram atacados pelos temiveis Tupinambás, os indigenas dessa região. Quase todos os seus companheiros fôram devorados pela tribu anthropophaga, mas Diogo Alvares, que com os outros fôra naturalmente reservado para mais tardo sacrificio, teve a idéa feliz de, servindo-se de um mosquete que conseguira trazer comsigo, alvejar uma ave que passava. E tão certa foi a pontaria que num relance a avezinha lhe cahiu morta aos pés.

Ao estampido produzido pela arma, correram os selvagens aterrados, e, aos gritos de Caramuru ! Caramuru ! carregaram em triumpho o naufrago ardiloso.

Caramuru, segundo alguns autores, significa «dragão sahido do mar».

Tornou-se Diogo Alvares desde esse momento o arbitro e o idolo dos selvagens.

Muitos foram os serviços que prestou a Martim Affonso e outros enviados do rei, os quaes do seu

prestígio sobre os selvagens muito se aproveitaram para desbravar as intrincadas florestas do nosso paiz.

Deixando esse ponto da costa, navegava o expedicionario para o Rio da Prata; sobrevindo, porém, violenta tempestade, resolveu, mudando de intento, mandar o seu irmão Pero Lopes de Sousa apossar-se do arroio Chuy, onde levantaria o padrão das armas lusitanas, e com os outros retrocedeu até encontrar melhores sitios.

Satisfeitos então pelas condições favoráveis de S. Vicente, ahí determinou a fundação da colonia.

Preparavam-se os selvagens para atacar Martim Affonso, quando acudiu do interior João Ramalho, que não só conseguiu harmonizar os gentios com os portuguezes, como, depois de estabelecida a colonia de S. Vicente, levou Martim Affonso a Piratininga, valle do Estado de S. Paulo, onde foi creada segunda feitoria.

Era João Ramalho um portuguez também ha muitos annos identificado com os selvagens, entre os quaes até constituiria familia, casando-se com uma india, filha de um dos chefes.

Deixando tudo em nossa terra mais ou menos organizado, segundo as instrucções que recebera e as maiores necessidades da occasião, voltou Martim Affonso a Portugal.

## SCINTILLAÇÃO DAS ESTRELLAS

(Revisão Semanal)

Observando á noite esta cupula immensa que fica sobre nossas cabeças, e que é o firmamento ou abobada celeste, disse-nos a mestra, já devem ter notado que uns astros têm o brilho quasi fixo, constante, os quaes, movendo-se ao redor do sol, constituem com os seus satellites, o nosso systema planetario.

Os ultimos, os astros scintillantes, são as estrelas de numero incontavel, parecendo que a cada momento mais uma surge a pontilhar de luz o espaço indefinido.

Naturalmente supõem todos que esta scintillação é uma qualidade inherente ás estrellas, o que em verdade não se dá. E' isso, ao contrario, occasionado pelo ar atmospherico que os raios luminosos dos astros devem atravessar para chegar á nossa percepção visual.



Varias camadas de densidades desiguaes e de refracção irregular formam o ar atmosferico. Ora, estando este em continuo movimento, iunprime ao raio luminoso que nos vem da estrella uma espécie de vibração ininterrupta, e isso se nos apresenta como o saltitar do astro. Sendo este factu repetido incessantemente, temos então a perfeita idéa de que ella scintilla.

O mesmo não podemos dizer em relação aos planetas, pela sua maior proximidade de nós, o que lhes dá um diametro apparente.

Observados com o telescopio, esses corpos celestes parecem ter a forma de discos illuminados, e tanto maiores são, quanto mais poderoso é o aparelho.

Dessa forma os deslocamentos de todos os pontos do disco se confundem, produzindo então uma imagem circular de brilho uniforme, e somente os rebordos parecem resplandecer ligeiramente.

As estrellas, porém, scintillam sempre, porque, separadas de nós por uma incommensuravel distancia, só nos apparecem como pontos luminosos, mesmo que as estudemos com o mais aperfeiçoado telescopio. E' este um instrumento de optica empregado para examinar os objectos distantes, geralmente utilizado para as observações astronomicas.

## XLI

Foi nesta semana o inicio das sessões de que nos falára a professora, numa das ultimas aulas.

Cada dia tratavamos de alguns dos nossos conterraneos illustres, discriminando os jornalistas, os poetas, os romancistas etc.

Não faziamos sequer uma idéa das horas deliciosas que passámos a relembrar as glorias maranhenses nos escriptores que formam uma galeria immensa nas letras brasileiras.

Antes de começar as sessões, todos de pé entoámos este vibrante canto escolar, letra do notavel orador conterraneo Domingos Barbosa :

Entrae a rir nas escolas,  
Com a boca de bençams cheia,  
Como quem preces semeia  
Com o coração a rezar;  
Entrae constrictos e alegres  
Que a escola é o templo da vida,  
E encontrareis nesta ermida  
Em cada banco - um altar.

Como sae fruto das plantas,  
Como sae sombra dos galhos,  
Como dos céus os orvalhos,  
Como sae bençã da cruz,  
Como sae canto dos ninhos,  
Como da flôr sae perfume,  
Como da estrella sae lume,  
Aqui da escola sae luz.

Luz suave, luz bemdita,  
Creadora de esperanças,  
Annunciando bonanças,  
Feita de amor, luz lonçã:  
Abre nas almas pequenas  
Eterna e risonha aurora,  
Que vence as trevas de agora  
E evita a noite amanhã.

Si a noite vem no futuro,  
Encontrareis na escola  
A mesma bondosa esmola  
Que cae dos raios do sol;  
Si o temporal se desata,  
O rumo tereis achado,  
Volvendo o olhar ac passado,  
Porque a escola é um pharol.

Coube-me por sorte interpretar o poeta mavioso  
que foi Gonçalves Dias, em alguns dos magnificos  
versos que compõem a poesia «A Mendiga».

Ei-los então :

Eu sonhei durante a noite . . .  
Que triste foi meu sonhar !  
Era uma noite medonha,  
Sem estrellas, sem luar.

E ao través do manto escuro  
Das trevas, meus olhos viam  
Triste mendiga formosa,  
Qu' infortunios consumiam.

Vestia rôtos andrajos,  
Que o seu corpo mal cobriam,  
Por vergonha os olhos della  
Sobre ella se não volviam.

Pelas costas descobertas  
Cortador o frio entrava,  
Tinha fome e sêde—e o pranto  
Nos seus olhos borbuhlava.

E qual vemos dos ceus descendo rapido  
Um fugaz meteóro, vi descendo  
Um anjo do Senhor; —parou sobre ella  
E mudo a contemplava.—Uma tristeza  
Sympathica, indizivel, pouco e pouco  
Do anjo nas feições se foi pintando :  
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova  
Conhece enferma e chora.—Ella no peito  
Menor sentiu a dôr, e humilde orava.

Não foi possível copiar todos os trechos lidos ou recitados pelos meus colleguinhas, mas os que consegui vão também aqui registados.

Sei, porem, os nomes de todos os que fôram citados e por isso não deixarei de os lembrar. Tenho-os a todos bem gravados nalma. E quem poderá olvidar os que, pelo estudo e pelo talento, honram e engrandecem a terra onde nasceram?

Da poesia «A tarde», de Odorico Mendes :

Longe dos patrios lares, quem não sente,  
Os arrebóes da tarde contemplando,  
Um subito alvoroço ? Então pendiamos  
Dos cantos arroubados que verteram  
Propicios deuses dos maternos labios;  
E branda mão apercebia o berço  
Em que ternos vagidos affagava,  
Infausto annuncio de vindouras penas.  
Sobre o paiol sentada, a fiel serva  
Que vezes attentei chamando ao pouso  
A ave tão util, que arrebanha os filhos,  
E adeja e canta, e pressurosa acode !

Da poesia «Ao dia 7 de setembro», de Antonio Joaquim Franco de Sá :

Ao sopro dos ventos, ao som das cascatas,  
O leito pomposo formado por Deus,  
Um indio gigante, nascido nas mattas  
Dormia, cercado de mil pigmeus,

De zonas ardentes e frigidias zonas  
 O vasto colosso se estende através,  
 Repousa-lhe a fronte no immenso Amazonas,  
 E as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Soffria ha três sec'los cruel pesadello  
 E a turba de insectos, pairada ao redor,  
 Lançára-lhe ferros sorrindo-se ao vê-lo  
 Co'os olhos fechados e o corpo em suor.

Da poesia «A Lua», de Trajano Galvão de  
 Carvalho :

Bem como no galho tremulo  
 A febril rolinha geme,  
 Ou como a virgem brasilica,  
 Que o ardor da calma treme,  
 E na rede—invento indigena—  
 Embala o corpo, que a mente  
 Embalada docemente  
 Em doces scismas está:  
 Tal nos céos a Lua candida,  
 Entre os seus raios se libra,  
 Raios macios, tão placidos  
 Que a lua exhala, não vibra,  
 Raios de luz do alto empireo  
 De que o justo se reveste  
 E os derrama no cypreste,  
 Que a seus ossos sombras dá.

Da poesia «A Escola», de Maranhão Sobrinho :

As almas—berços de affagos—  
Que o beijo do céu perfuma,  
São como esteiras de lagos  
Com rendilhados de espuma...  
A creança—aragem divina  
Que os goivos da magua inclina  
Beija esses lagos de amor  
Bordando-os de oiro, de frisos,  
Que não são mais que os sorrisos  
Dos nossos labios em flor !

Em cada sonho que borda  
O beijo de uma creança,  
Sempre, entre risos, acorda  
A aurora de uma esperança...  
E, nas carícias das palmas,  
As creanças das nossas almas  
Perfuma de mil rosaes...  
A esp'rança—escada da prece  
E' estrella, é luz que apparece  
No meio dos temporaes !

A escola, ó almas sonóras !  
Almas de moços sem véu !  
E' um Amazonas de auroras  
Que se despeja do céu !

Deixemos que os nossos peitos  
Voguem mansos, satisfeitos,  
Nas aguas dessa torrente  
Que nunca, nunca transborda  
E que Deus de estrellas borda  
Qual borda o curvo oriente.

De Ignacio Xavier de Carvalho :

## O CÃO

Até nos cães !... Faminto conheci-o  
Uma noite, atirado ao abandono  
Num queixoso ladrar cheio de entono,  
Exposto aos vendavaes e exposto ao frio...

E eu tive pena e dó do cão sombrio,  
E, ajuntando-o do chão, fiz-me seu dono...  
Matei-lhe a fome e garanti-lhe o somno  
Dentro das folhas de um colchão macio...

... Fiquei pobre afinal... e o cão, que outr'ora  
Salvei da morte, me ladrava agora  
Como a dizer-me: «Sustenta-me ou te mordo!»

Até que enfim, cheio de furia immensa,  
Mordeu-me as mãos em recompensa  
E de casa fugiu depois de gordo !



Da poesia «Amôr paterno», de Joaquim Serra :

Quase em soluços, sumida,  
Assim desprendeou-se a voz  
Do velho, fronte abatida,  
Falando como que a sós:

«Eram dois ! ambos criados  
«Com tanto esmero e ternura  
«Filhos de minhas entranhas,  
«Que eu amei mais do que a mi...  
«Possuo um só ! Meus cuidados,  
«As minhas penas tamanhas  
«Indicam que a desventura  
«Hospedou-se agora aqui !

«Eram dois, porém meu seio  
«Prendia-os num mesmo nó !...  
«Minha alma partiu-se ao meio  
«Ficando commigo um só !...

De Assis Garrido :

## AS CRIANÇAS DA ESCOLA

Na minha rua existe uma escola. Cedinho,  
Chego á janella e vejo as querulas crianças...  
Com que ternura, com que carinho,

Com que orgulho feliz  
Sorrio então a essas risonhas esperanças  
Do meu grande paiz !

Passam em bandos... Que alegria nos semblantes  
Livros a mão, passinhos leves... Que alegria !...  
E eu fico a pensar alguns instantes  
Na minha meninice :

—Foi como um dia rapido, e esse dia,  
Hoje é uma tarde cheia de melancolia,  
Que vae tombando para a tarde da velhice...  
Passae, passae á escola,

O' almas puras como as almas dos crystaes,  
Como eu vos agradeço esta divina esmola,  
Que indifferentes, sem saber me daes :  
—A suave lembrança, que entristece mas consola,  
De uma vida feliz que não me volta nunca mais...

Da poesia «Nossa Terra», de Hilton Fortuna :

A lembrança da terra ! O' quanto é boa,  
E como, dentro em nós, canções então  
A saudade vibrando !...  
Foi lá que o alvorecer vimos primeiro  
De uma linda manhã e que o cruzeiro  
Nos saudou rebrilhando !  
Foi lá na terra amada que sentimos  
A coragem da vida e lá que ouvimos  
De nossa mãe o canto,

Foi lá que pequenitos nós passámos  
Innocentes de tudo que estudámos  
A magoa, o riso, o pranto.

Embora percorramos o universo  
E passemos no meio mais diverso  
Do recanto natal,  
Por elle tão somente—o nosso peito  
Palpita, modulando um terno preito  
De orgulho perenal.

Bem se pode partir, viver ausente,  
Muito longe de lá, indiferente,  
Ao nosso Maranhão :  
Mas aquelle que parte da cidade  
Vae deixando na barra, com saudade,  
Inteiro o coração !

De Ribamar Pinheiro :

## AS ARTES

### A PINTURA

Minha missão no mundo é viver deslumbrando,  
Trazendo á tela a côr dos olhos de Jesus...  
Vivo a vida de um deus, de mim mesmo arrancando  
Epopéas de forma e epopéas de luz.

### A ESCULPTURA

Sou das Artes, portanto, a deusa soberana,  
Porque, para abrigar os homens immortaes,  
Da torpeza do mundo e da miseria humana,  
De átomos de granito eu fórho Cathedraes !

## A MUSICA

Sou o orgam pagão da cathedral de Athenas !  
Missionaria de Apollo eu me orgulho de o ser...  
Arrasto, com harmonia, as multidões serenas,  
Sob a attracção solar do meu regio poder.

## A POESIA

Eu sou asa que no céu se remigia e espalma,  
Numa alvorada azul de dulcida alegria...  
Eu sou o pão de luz que purifica a alma,  
Eu sou a virgem mãe dos genios—a Poesia.



## OS GRANDES VULTOS

Terminando essa interessante sessão civica, na qual os nossos espiritos infantis suavemente se embeberam nas harmonias sublimes dos inspirados versos de maranhenses illustres, mostrou-nos a professora algumas photographias de outros brasileiros notaveis, já fallecidos. De todos nos falava com enternecido orgulho, procurando despertar-nos o enthusiasmo pelos seus feitos, a admiração pelo seu talento e o respeito que gera a veneração dos homens de character pelo trabalho e esforço dos que, com sacrificio, muita vez, tudo fazem pelo engrandecimento do nome da terra, mesmo humilde, modesta e pequenina, onde tenham, á luz de um sol sempre vivido, ensaiado os passinhos incertos nessa primeira e inesquecivel ante-manhã da vida.

A Patria é a grande nação fecunda e rica, em cujo solo germinam, crescem e frutificam os vegetaes preciosos, que, ora frondejando em longos braços, ensombram aos viajantes os asperos caminhos, ora loure-

jando nas seáras e nos campos, produzem os grãos que crescem em aurea espiga. A todos esses sêres que de Deus recebem o influxo vital, e somente d'Elle promana sempre todo bem que compraz as créaturas, sabe a nossa gratidão render as homenagens de um carinhoso affecto nos cuidados que lhes prodigalizamos para que o seu viço e frescor, fonte de inexgottaveis riquezas, nunca se resintam, ameaçando a plantinha mãe de se finar aos ardores de um sol, vezes muitas escaldante, ou aos rigores da invernía impiedosa, que nada poupa no seu lento e rúde desabar.

Assim é para os homens um dever, que lhes ha de ser tão grato quão espontaneo e imperioso, cultivar os grandes vultos que, pela Patria e pelos seus irmãos, muito fizeram, com o ardor do seu temperamento sempre vibrante e entusiasta, como o fazem por todos os sêres vivos essas arvores bemditas que são a delicia. a riqueza e o encanto do Universo.



Uma chacara da cidade de S. Luis, vendo-se algumas alumnas da Escola Nórma Primária em uma aula de Agricultura

## INDICE

	PAGS.
A REABERTURA DAS AULAS.....	19
CAPITULO II.....	21
AS DUAS AMIGAS .....	23
A FORMATURA DAS CLASSES.....	25
UMA LIÇÃO DE HISTORIA DO BRASIL.....	27
UMA BÔA LIÇÃO.....	31
O RECREIO .....	33
PLANTAS DO GLOBO.....	35
O GATO.. ..	38
A POLIDEZ .....	40
FESTA DA ARVORE.....	42
OS INSECTOS.....	45
O BICHO DA SÊDA.....	47
A ABELHA.....	50
A FRANQUEZA .....	52
O MAR.....	54

O ALGODOEIRO.....	57
DUAS PALMEIRAS UTEIS.....	60
O TRABALHO .....	64
CAPITULO XX.....	67
UMA LIÇÃO DE INSTRUÇÃO CIVICA.....	69
CORPOS CELESTES .....	72
A LAVOURA DO CAFÉ.....	75
A VERDADE .....	78
O VENTO.....	81
AS AVES.....	84
A AGUA.....	90
A PATRIA .....	93
PRAIAS MARANHENSES.....	96
A HYPOCRISIA E A CALUMNIA.....	99
REVISÃO SEMANAL.....	101
RUY BARBOSA .....	105
A FOLHA .....	109
DOIS GRANDES VULTOS MARANHENSES.....	113
ALGUNS DEVERES DE CIVILIDADE.....	116
PASSEIO INSTRUCTIVO .....	119
CAPITULO XXXVII.....	122
PEDRO II.....	124
CAPITULO XXXIX.....	128
SCINTILLAÇÃO DAS ESTRELLAS.....	132
CAPITULO XLI.....	134
OS GRANDES VULTOS.....	145



# LIVRARIA MODERNA

CASA FUNDADA EM 1916

## GUIMARÃES & SOBRINHOS

SUCCESSORES DE

GUIMARÃES & VIANNA

RUA JOAQUIM TAVORA, Nº 377

TELEPHONE—155

CAIXA POSTAL—97

COMPLETO SORTIMENTO DE LIVROS  
EM BRANCO E DE INSTRUCCÃO,  
ARTIGOS PARA ESCRITORIO,  
DESENHO, etc., etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA